

B-69



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 12.

SABADO, 1 DE MARÇO DE 1969

AVENÇA

N.º 623

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA PROPRIEDADE — HERD.ª DE JOSÉ BARÃO OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 93156 AVULSO 2\$00

A INSERÇÃO DO TURISMO NA VIDA SOCIAL DO ALGARVE

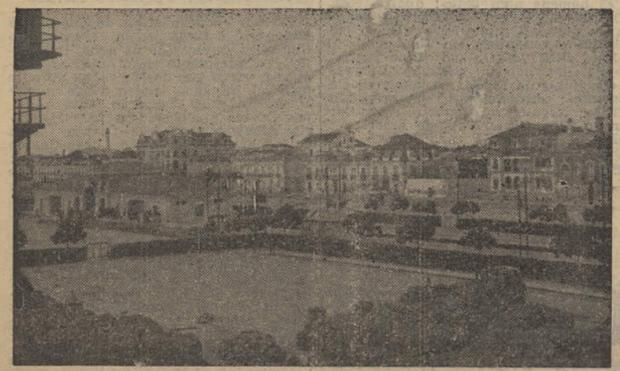
VEM de há muitos anos a nossa preocupação acerca das implicações sociais derivadas do surto turístico verificado no País. Essa preocupação, para quem não tem interesses de ordem económica a defender ou a valorizar, é resultante unicamente da observação dos comportamentos dos indivíduos e das comunidades na interacção social, e da natural tendência para encarar os mais diversos aspectos da vida corrente à luz

duma perspectiva sociológica. Poucas tentativas fizemos até agora para expor os nossos pontos de vista, pois reconhecemos ser difícil conciliar o interesse daqueles que não sentem nem imaginam a possibilidade de estarem obrigados, socialmente, a outras manifestações que não sejam as indispensáveis à consecução dos fins de ordem pessoal e profissional ou à realização de programas de vida em que predominam os singelos objectivos das boas relações familiares e de amizade.

Recentemente, em conversa com dois ilustres comprovincianos, fomos sugerido que expuséssemos o nosso pensamento acerca da inserção do turismo na vida regional. Esta a razão do presente escrito.

Partimos do conceito de que o turismo é uma actividade de múltiplas facetas, ponderáveis e sérias, que transcendem os interesses económicos, privados ou públicos, porquanto já nos tempos recuados em que a palavra viajar bastava para definir as migrações temporárias, um famoso escritor francês reconhecia que «o homem completo seria aquele que muito viajou, que mudou vinte vezes a forma de pensar e a sua própria vida. Os hábitos acanhados e uniformes que su-

JORNAL do ALGARVE
O NOSSO prezado colega «Diário do Alentejo» transcreveu a nossa Nota da Redacção da semana finda sob o título «Conversa em família para todos os portugueses».



Um trecho da Avenida da República em Vila Real de Santo António que está a receber melhoramentos na área junto aos serviços de fronteira

NA HORA DE PRESTAR CONTAS

O turismo (1 225 contos) rendeu em 1968 quase tanto como a pesca (1 245 contos) ao Município vila-realense

RELATORIO da gerência de 1968 da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, apresentado pelo seu presidente sr. dr. António Capa Horta Correia, refere que «as finanças municipais mantiveram em 1968 as mesmas características dos anos anteriores: excesso de receitas sobre despesas, com um saldo em 31 de Dezembro de 3 884 067\$60». O saldo da gerência anterior era de 4 852 006\$70 e a receita foi de 7 662 022\$80, sendo a despesa de 8 629 961\$90.

saldo da gerência anterior era de 95 836\$10; a receita cobrada em 1968 foi 1 225 496\$80 e a despesa de 1 042 369\$50. A dívida do Município à Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, por empréstimos contraídos em anos anteriores, totalizava em 31 de Dezembro, 2 681 311\$90, assim distribuídos: para a obra de abastecimento de água à vila, (Conclui na 7.ª página)

Janela do MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

UMA SITUAÇÃO QUE SE DETERIORA NO MÉDIO ORIENTE

A QUESTÃO do Médio-Oriente mantém o seu aspecto de indissolubilidade e de mês para mês toma características mais alarmantes desde que as forças em presença decidem encetar reivindicações ou fazer a sua «justiça». Ora é o Iraque organizando julgamentos sumários e enforcamentos (Conclui na última página)

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

GRANDE PRÉMIO TV DA CANÇÃO PORTUGUESA O SÃO LUÍS VESTIDO DE GALA PARA UM PÁLIDO FESTIVAL

DIZ um velho adágio que o silêncio é de ouro e, embora a teoria nos mereça bastantes reservas, temos de reconhecer a sua oportunidade no que respeita a este Grande Prémio da Canção Portuguesa.

Não podia ter sido precioso o comedimento, diremos mesmo o mutismo usado pela TV no decorrer das operações preliminares deste festival e só quebrado para dar os indispensáveis esclarecimentos, pois o espectáculo que nos ofereceu — não obstante ser uma afirmação do seu desejo em ajudar a música portuguesa — constituiu um fracasso nunca igualado, já que se estendeu aos trabalhos de realização e apresentação. Será optimismo pensar-se que levar este espectáculo para além-fronteiras (intento que não acreditamos venha a concretizar-se) traga quaisquer proveitos para o

(Conclui na 6.ª página)

A POETISA FERNANDA DE CASTRO PROFERE AMANHÃ UMA CONFERÊNCIA EM SILVES

EM promoção do Grupo dos Amigos de Silves, a poetisa Fernanda de Castro profere amanhã às 16 horas no salão nobre dos Paços do Concelho daquela cidade uma conferência sob o tema «Silves e a poesia». Seguidamente proceder-se-á à distribuição de prémios aos alunos do concelho que mais se distinguiram no último ano lectivo.

NOTA da redacção

ESTÁ em acção, em todo o país, uma vasta campanha contra a especulação e a alta de preços. Em duas semanas, a Inspeção das Actividades Económicas instaurou mais de meio milhar de processos a ilegalmente o seu negócio e o Governo está disposto a impedir toda a espécie de especulação.

Esta é a política necessária para defender não só o consumidor mas também o produtor, dentro do plano anunciado pelo sr. Presidente do Conselho. Já por diversas vezes tem sucedido surgirem épocas de depressão económica provocadas precisamente por negociantes que aproveitam as circunstâncias para especular à sua vontade, sem atenderem aos interesses do mercado nem à lei vigente.

A fiscalização entrou em acção a fim de pôr cobro a manobras escandidas que estavam a desenvolver-se a olho nu com prejuízo da população.

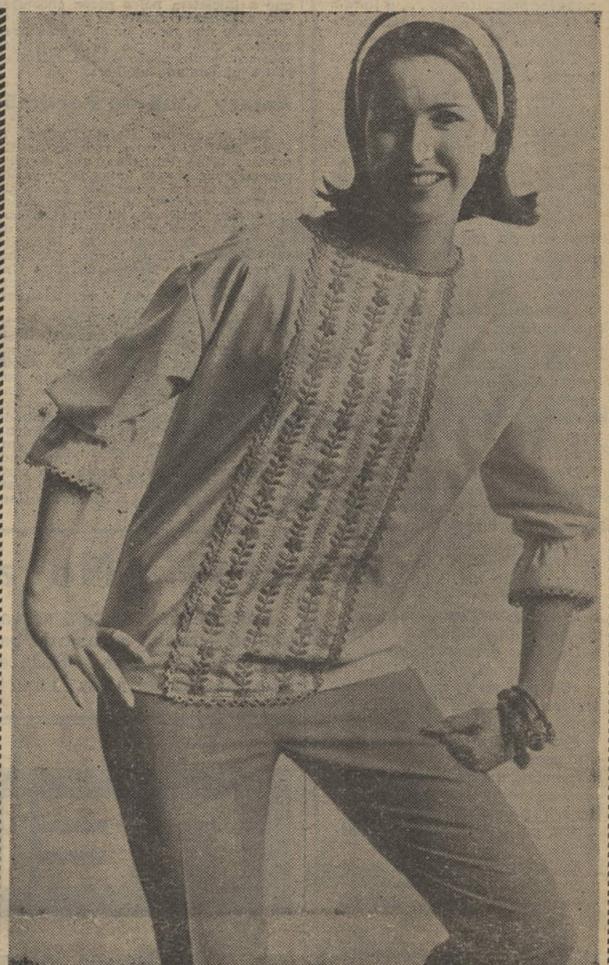
Pretende-se, deste modo, acabar com os exageros dos preços que começaram a subir de maneira astronómica e está certo tudo o que se pratica nesse sentido. É necessário, porém, ir mais além e tabelar alguns produtos essenciais que já se estabilizaram em preços altos no mercado e cujo consumo é imprescindível. Doutro modo, o consumidor continuará a procurar um impossível equilíbrio num orçamento em que as receitas são sempre inferiores às despesas. Situação insuportável tanto à escala nacional como à escala familiar.

FESTIVAL DE TEATRO AMADOR EM FARO

MAIS uma jornada positiva da arte cénica vai acontecer em Faro. E consideramo-la positiva sob vários aspectos, de que destacamos:

- a actualidade e valia das peças a apresentar, de dois conhecidos nomes da dramaturgia mundial (Anouilh e Ionesco) e de um dos maiores escritores teatrais portugueses contemporâneos (Luís Francisco Rebelo);
- o intercâmbio de dois dos mais válidos agrupamentos de amadores do nosso País — a Sociedade Joaquim António de Aguiar, de Évora e o Circulo Cultural do Algarve, ambos com assinalados

(Conclui na 6.ª página)



Muito graciosa esta blusa de «schantung» azul-clara, bordada com filoseia azul-médio e enfeitada com um «picot» feito em «crochet» com linha da cor do bordado

Notável incremento nos serviços da TAP está previsto no Algarve para o ano em curso

«CRESCIMENTO considerável, que se reflecte naturalmente em progresso e em riqueza para o Algarve, já que o aeroporto está na base da movimentação de quase toda a engrenagem turística da Província, vêm registando os serviços da TAP em Faro. Continuam os Transportes Aéreos Portugueses a procurar bem servir o público, utilizando notável dinamismo e as avançadas técnicas que o nosso tempo e os contactos com o exterior exigem, e assim se explica que os três voos semanais de 1965 no aeroporto algarvio sejam agora em número de 21, incluindo os das linhas associadas Bea e Luftansa e que em 1968 tenham sido cerca de 100 000 os passageiros chegados e saídos de Faro, com 865 voos Faro-Lisboa-Faro, em que se movimentaram 54 281 pessoas e cerca de 160 toneladas de carga. Prestou-se ali também assistência a 33 voos em trânsito, em ocasiões em

(Conclui na 9.ª página)

TEMPO de COMENTÁRIO AQUI TAMBÉM CHOVE

PROBLEMA para o comentador semanal (se problema chega a ser...) é a escolha, de entre os diversos temas que se lhe oferecem, daquele que porventura mais interesse tenha para o Algarve e, ao mesmo tempo, consiga suscitar a atenção de mais elevado número de leitores, por naturalmente lhes dizer respeito. Resolvido esse problema, que é porventura o mais importante que antecede a redacção do comentário, todo o trabalho fica simplificado. Hoje, por exemplo, falamos da chuva, tema a que ninguém negará oportunidade. Sim, porque no Algarve também chove, para irritação de certos pseudo-turistas (quem ainda não ouviu isto: «Afinal, o Algarve não presta. Fartou-se de chover, enquanto lá estive!») e de certos propagandistas de banha da cobra que desconhecem ou pretendem desconhecer as realidades do nosso turismo. Chove, inclusivamente, para mágoa de muita gente que aqui vive e que constrói as suas casas (e também se verifica isso em certos serviços públicos) não dando atenção a esse pormenor.

Chove também no Algarve, pois claro. E mal andaríamos, se não chovesse, numa terra onde a agricultura continua a ser, infelizmente, o principal meio de vida, porque ainda não houve tempo para a dotar de indústrias capazes de lhe elevar o nível de vida.

Mas a chuva é um suplício para nós. E suplício tanto maior quanto é certo que tudo aqui se faz como se isso não acontecesse. Porque uma coisa está fora de dúvidas: as inundações que se verificam no concelho de Silves mal cai uma pinga de água amular-se-iam com espantosa facilidade se quem tem obrigação de resolver o problema se convencesse desta verdade comezinha: no Algarve também chove.

E é precisamente este pormenor que torna a nossa Província uma região ímpar no turismo europeu: após umas horas de copiosa chuva, surge o mais radioso sol.

Talvez seja ainda porque há a errada convicção de que no Algarve não chove que, mal caem umas bátegas, Alcantarilha, Armação de Pêra e as localidades dos arredores ficam sem luz; talvez seja por isso que a estrada entre Lagoa e Porches, em determinado local, se transforma imediatamente em ribeiro — e o automobilista, como nos aconteceu na terça-feira de Carnaval à noite, tem a deliciosa sensação de que o seu carro se transformou de súbito em barco.

Afinal, quando é que esta gente se convence de que no Algarve também chove? Ou teremos que iniciar mais uma campanha de mentalização?

À saúde é a maior riqueza

GUIDADO COM O QUE COME!

Alimentos excelentes para certas pessoas podem ser prejudiciais para outras. Nada como a própria experiência para ensinar o que convém a cada organismo.

Não coma, portanto, aquilo que lhe é aconselhado pelos seus amigos. Coma só aquilo que sabe que lhe faz bem. Desta maneira estará a velar pela sua saúde.

JORNAL DO ALGARVE N.º 623 — 1-3-969

Violento abalo de terra na madrugada de ontem

Um forte abalo de terra foi sentido na madrugada de ontem em toda a Província e em muitos pontos do País. Desconhece-se por enquanto o montante dos prejuízos, supondo-se não haver vítimas a lamentar. O hospital de Castro Marim ficou destruído e em Vila Real de Santo António ruíram alguns bocados de paredes.

Prosa rimada

Pesquisa frustrada

Saudoso da mocidade, pareceu-me bem natural (isto, aqui, à pureza) ir brincar ao Carnaval, aproveitando... a idade. Porque não sou «papa-çorda» saltei primeiro em Loulé. Pintei por lá o diacho. Era terça-feira gorda! Depois, fui armar banzé em pleno Moncarapacho, como se fora um yé-yé. Passei dali para Ohão, pândego e entusiasmado, estoirando de vibração e muito bem disfarçado, animado e folião. Depois, a noventa à hora, em travesti de jogaal, segui pela estrada fora e fui dar a Vila Real. Diverti-me, até à aurora...

Quando, já de madrugada, na caminha me deitei, com a alma repousada, a jornada recordei falando com a almojada: Mas, afinal, Zé Temudo, saíste, p'ra encontrar aquela que mais que tudo e andaste com azar... E, lá se foi o Entrudo!...

De facto, o que eu queria e que tanto procurei, era topar a Alegria, por quem me apaixonarei e há muito que não via. Alegria, verdadeira. Alegria, natural, assim, à minha maneira, e não artificial, forçada e passageira!

Dias depois, em fresca fui ao baile da Pinhata. De uma jovem indaguei se conhecia a Alegria.

«Cá por mim, nunca encontrarei mas, pergunte a minha tia onde ela pára. Eu, não sei!»

Fui abordar um rapaz que me pareceu alegrinho, o qual respondeu, audaz: «pergunte ao meu avôzinho (que era homem de critério) se encontrá-lo for capaz, pois... já está no cemitério!»

Dirigi-me a uns velhotes, parecendo um par de moços, com seus ares brejeiros, dos folgozes os decanos:

Viram pr'ái a Alegria? «Eu?! A Alegria? A autêntica Alegria? Já morreu!»

Há-de haver cinquenta anos!

JOTATE

Sociedade Hoteleira da Balaia, Limitada

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 23 do corrente mês, lavrada de fls. 47 a 48 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º D-48, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, foi transferida, desde um de Janeiro corrente, a sede da sociedade comercial por quotas SOCIEDADE HOTELEIRA DA BALAIÁ, LIMITADA, de Lisboa para o Hotel da Balaia, Praia Maria Luísa, Albufeira, Algarve, e, consequentemente, o artigo segundo do pacto social ficou com a redacção seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO — A sua sede é em Albufeira, no seu estabelecimento denominado Hotel da Balaia, Praia Maria Luísa, e por deliberação dos gerentes poderá a Sociedade exercer a sua actividade em qualquer outro local do território português, bem como dentro deste território instalar e manter estabelecimentos, sucursais ou outra forma de representação social onde e quando lhes pareça conveniente.

Está conforme. Lisboa, vinte e quatro de Janeiro de mil novecentos e sessenta e nove.

O 1.º Ajudante, Pio José de Moura Malheiro

Elísio Baldinho
ADVOGADO

Rua Baptista Lopes, 19
Telef. 24357 FARO

Vida rotária

Rotary Club de Faro

Na terça-feira realizou-se no Hotel Erya a reunião do Rotary Club de Faro, presidida pelo sr. Hélder Martins do Carmo e secretariada pelo sr. Jorge Pais Lobo. Fez a saudação à bandeira o sr. Celestino de Matos Domingues e encarregou-se do protocolo o sr. Luciano Seromenho. Presente como visitante o sr. G. N. Banett do R. C. de Norwich.

Lido o expediente, em que se destacou uma sugestão do R. C. de Portimão para que os companheiros dos clubes algarvios e de Beja fossem em excursão no fim de Maio até à cidade francesa de Caen, onde se realiza uma concentração rotária, o presidente abriu o período de actualidades e comunicações, lendo-se uma comunicação do sr. Faustino Madeira sobre a possibilidade do clube levar a efeito o seu plano de contribuição para que os estudantes possam melhor escolher uma profissão. O sr. eng. Tito Olivio, propôs que se fizessem uma ou duas reuniões com os estudantes, como sondagem do interesse que a iniciativa neles possa encontrar.

O presidente encerrou a sessão, informando que na próxima reunião será passada uma colecção de diapositivos, com acompanhamento sonoro, intitulada «Para um mundo melhor».

Rotary Club de Portimão

Realizou-se no Hotel Júpiter, da Praia da Rocha, nova reunião do Rotary Club de Portimão, que decorreu extraordinariamente animada, pela presença da quase totalidade dos sócios e elevado número de senhoras. Como convidados estiveram presentes os srs. dr. Veríssimo Machado Mata, novo delegado do Procurador da República em Portimão e Luís Bordas Marimom. Presidiu o sr. Mateus da Silva Gregório, tendo no protocolo o sr. Manuel Dias e na secretaria o sr. Francisco Aleixo.

Foi palestrante o rotário e director do Hospital de Portimão, sr. dr. Rocha da Silveira, que falou acerca da sua recente viagem ao México, por ocasião dos Jogos Olímpicos. Escutado com muito interesse e agrado foi no final da sua brilhante e bem documentada palestra muito aplaudido e felicitado.

Ao encerrar a reunião o presidente comunicou que muito brevemente fará uma palestra no club o sr. comandante Abílio Freire da Cruz, capitão do porto de Portimão, que falará acerca dos grandes portugueses que foi o almirante Gago Coutinho.

Aldeia Nova

Casa vende-se com 4 assoalhadas, cozinha e casa de banho. Preço 95 contos. Resposta a este jornal ao n.º 11 424.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Faz-se saber que na falência de António dos Anjos Ruvinho, ausente em parte incerta, correm éditos de oito dias, contados da publicação do presente, notificando os credores e aquele falido para no prazo de cinco dias posterior aos dos éditos, pronunciar-se sobre as contas das gerências apresentadas pelos administradores José Cândido Monteiro e José Ramos Sousa Ribeiro.

Vila Real de Santo António, 26 de Fevereiro de 1969.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa

Clinica e Cirurgia

dos Rins e Vias Urinárias

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista

Consultas diárias a partir das 15 (excepto aos sábados)

Consultório: Rua Serpa Pinto 23-1.º — Faro

Telef.: Consultório 22013
Residência 24761

AGENDA

E COS

Partidas e chegadas

De visita a seus genros tem estado em Faro, com sua esposa, o nosso colaborador sr. dr. Mauricio Serafim Monteiro.

Gente nova

Em Vila Real de Santo António, deu à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues da Silva, esposa do sr. José Augusto da Silva.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.

Em FARO, hoje, a Farmácia Pontes Sequeira; amanhã, Baptista; segunda-feira, Oliveira Bomba; terça-feira, Alexandre; quarta-feira, Crespo Santos; quinta-feira, Paula e sexta-feira, Almeida.

Em LAGOS, a Farmácia Neves. Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; segunda-feira, Pinto; terça-feira, Avenida; quarta-feira, Madeira; quinta-feira, Confiança e sexta-feira, Pinheiro.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; segunda-feira, Olhanense; terça-feira, Ferro; quarta-feira, Rocha; quinta-feira, Pacheco e sexta-feira, Progresso.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Oliveira Furtado; amanhã, Moderna; segunda-feira, Carvalho; terça-feira, Rosa Nunes; quarta-feira, Dias; quinta-feira, Central e sexta-feira, Oliveira Furtado.

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Pereira; amanhã, Monteiro; segunda-feira, Dias Neves; terça-feira, Pereira; quarta-feira, Monchique; quinta-feira, Dias Neves e sexta-feira, Pereira.

Em SILVES, hoje, a Farmácia Duar-

te; e até sexta-feira, a Farmácia João de Deus.

Em TAVIRA, a Farmácia Central. Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

CINEMAS

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «O farol»; amanhã, «A maior história de todos os tempos»; terça-feira, «Onde está o Oscar?»; quinta-feira, «Golpe de mestre à napolitana».

Em ALVOR, no Cine-Alvor, hoje, «Boa sorte, Gringo» e «Konga»; amanhã, «A túnica».

Em ESTOI, no Cinema Ossónoba, amanhã, «O grande atrador». Na FUSETA, no Cinema Topázio, hoje, «As duas orfãs» e «Rita, a filha americana»; quinta-feira, «Coplan FX 18 arrasa tudo» e «O duelo na ilha».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «100 000 dólares por Ringo» e «A volta de Nick Carter»; amanhã, «Encenação dupla»; terça-feira, «Vidas secas» e «O outro lado da cidade»; quarta-feira, «Um estranho em casa»; quinta-feira, «Homens do serviço indiscreto» e «Invasão secreta»; sexta-feira, «Perseguição a um espião» e «Os canhões do galeão negro».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Os espíes de helicóptero» e «Fuga de Forte Bravo»; amanhã, «O perfume do dinheiro»; terça-feira, «A ultrapassagem»; quarta-feira, «Os 10 mandamentos».

Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «A morte esperta» e «Missão na Coreia»; amanhã, «A noite esclamante do inspector Joss»; terça-feira, «Desordem na terra dos Gringos» e «Dos fracos não reza a história»; quinta-feira, «Espendor na relva».

Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, «Peter Gunn, detectivo especial» e «Boeing-boeing»; amanhã, em matiné e soirée, «O homem que valia um milhão de dólares» e «As armas da vingança»; terça-feira, «No limiar da vida» e «3 homens num bote»; quarta-feira, «O nosso agente em Marrakech» e «Agora, ou nunca»; quinta-feira, «Duelo em Lisboa» e «Aventura em Junho».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Um homem chamado Gringo» e «Os juizes da Bíblia»; amanhã, «Sal e pimenta»; segunda-feira, «Os ossos do ofício»; terça-feira, «Dinheiro amargo»; quarta-feira, «Intorridão de amor».

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, no

São Brás-Cine-Teatro, amanhã, «A esbana do pai Tomás»; quinta-feira, «Aldéa em fuga» e «Encontro na rocha vermelha».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «O super-homem foguetes»; amanhã, em matiné e soirée, «Da terra à lua»; terça-feira, «O renegado da selva»; quinta-feira, «Um mordomo no Far-West».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, amanhã, «Dispara forte»; terça-feira, «Na ponta da pistola»; quinta-feira, «As aventuras de um espião».

LOTAS

De 24 e 25 de Fevereiro

QUARTEIRA

Artes diversas 124 016\$00

NECROLOGIA

Manuel Afonso

Em Vila Real de Santo António, de onde era natural, faleceu o sr. Manuel Afonso, de 70 anos, que deixou viúva a sr.ª D. Rita Martins. Era pai da sr.ª D. Judite Martins Afonso, casada com o sr. Joaquim Manuel Afonso, ausentes na Austrália, e do sr. Manuel Martins Afonso, ausente na Alemanha, casado com a sr.ª D. Maria João Ferreira dos Santos Afonso, e avô dos meninos Maria de Fátima Afonso, João Manuel dos Santos Afonso e Luís Filipe dos Santos Afonso.

Alexandrino Guerreiro Cavaco

Faleceu em Vila Nova de Cacela, de onde era natural, o sr. Alexandrino Guerreiro Cavaco, de 61 anos, proprietário e presidente da Junta de Freguesia, cargo que desempenhou durante mais de 23 anos. Deixou viúva a sr.ª D. Adelaide da Conceição Munhoz Lopes Cavaco e era pai das sr.ªs D. Maria Alexandrina Lopes Cavaco Canau e D. Maria da Conceição Lopes Cavaco e sogro das sr.ªs D. Maria Teresa Castilho dos Santos Silva, D. Olga Leal Gomes dos Santos Silva e D. Natália Teixeira dos Santos Silva.

José Viegas da Palma

No sítio do Bengado (Santa Catarina da Fonte do Bispo), faleceu o sr. José Viegas da Palma, de 84 anos, agricultor, natural de S. Brás de Alportel. Era casado com a sr.ª D. Catarina da Conceição Martins e pai das sr.ªs D. Maria Rita da Palma e D. Vitória Martinho da Palma e dos srs. Carlos Viegas da Palma, José Viegas da Palma, Marcolino Viegas da Palma, Germano Martinho da Palma e Eugénio Martinho da Palma, funcionário da TAP em Faro.

Sebastião da Silva

Faleceu em Silves, de onde era natural, o sr. Sebastião da Silva, de 78 anos, casado com a sr.ª D. Joana dos Santos Silva. Era pai dos srs. Paulo dos Santos Silva, funcionário aposentado, Salvador dos Santos Silva, gerente do Banco Nacional Ultramarino na Covilhã e Sebastião dos Santos Silva, gerente do mesmo Banco em Beja; e sogro das sr.ªs D. Maria Teresa Castilho dos Santos Silva, D. Olga Leal Gomes dos Santos Silva e D. Natália Teixeira dos Santos Silva.

O seu funeral, onde se incorporaram centenas de pessoas de todas as categorias sociais, constituiu profunda manifestação de pesar.

Manuel do Nascimento

Faleceu em Vila Real de Santo António o sr. Manuel do Nascimento, de 76 anos, carpinteiro naval, natural de Mértola, casado com a sr.ª D. Ermelinda Munhoz do Nascimento. Era pai das sr.ªs D. Ivone Munhoz Samúdio, casada com o sr. João Samúdio, D. Almerinda Munhoz Modesto, casada com o sr. Francisco Modesto, D. Jesuína Munhoz Horta, casada com o sr. Joaquim Horta e D. Luzia Munhoz Apolónia, casada com o sr. José Correia Apolónia. Deixa 11 netos.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

JORNAL DO ALGARVE N.º 623 — 1-3-969

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Na falência de José Rodrigues Custódio, casado, comerciante, ausente em parte incerta, e que residiu nesta vila, correm éditos de oito dias, contados da publicação do presente, notificando os credores e aquele falido, para no prazo de cinco dias posterior aos dos éditos, se pronunciar sobre as contas da gerência apresentadas pelo ex-administrador sr. Dr. Francisco José Assis Rodrigues.

Vila Real de Santo António, 19 de Fevereiro de 1969.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa

PEIXE ASSEGURADO

O ABASTECIMENTO EM TODO O PAÍS

MANTEM-SE INALTERÁVEL A TABELA DOS PREÇOS DO PEIXE CONGELADO



O S. A. P. P. NA VANGUARDA DO COMBATE À ALTA DOS PREÇOS DISPÕE DE «STOCKS» DE PEIXE CONGELADO POR FORMA A SUPRIR TODAS AS FALTAS



PEIXE FRESCO

À venda nos Postos da S. A. P. P. espalhados pelo País, nas carrinhas itinerantes e carros-peixaria, nas melhores condições de preço e de higiene.



A todos os comerciantes grossistas e retalhistas o S.A.P.P. está habilitado a fornecer grandes quantidades de **PESCADA CONGELADA** de todos os tipos — ao preço de tabela

PESCADA CONGELADA

Os preços máximos de venda ao público mantêm-se os estabelecidos desde há cerca de três anos:

- Tipo n.º 1 (até 0,500 kg.) 12\$00
- Tipo n.º 2 (até 0,800 kg.) 14\$00
- Tipo n.º 3 (até 1,500 kg.) 16\$00
- Tipo n.º 4 (até 2,400 kg.) 16\$50



Nos supermercados, mercearias e charcutarias, o público tem à sua disposição ampla variedade de peixes congelados nas melhores condições de preço e higiene.



BANCO DO ALGARVE

S. A. R. L.

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1968

SENHORES ACCIONISTAS

De acordo com a Lei e os Estatutos, vimos submeter à vossa esclarecida apreciação o Balanço e as Contas referentes a 1968.

Apesar da forte concorrência que continua a caracterizar a actividade bancária, conseguimos elevar os depósitos para além dos 400.000 contos, o que representa, em relação ao exercício anterior, um aumento de cerca de 22%.

Paralelamente e não obstante a política de expansão prudente que nos impusemos, aumentámos, também de forma substancial, o volume do crédito concedido, especialmente através da carteira comercial, cujo saldo, no fim do último exercício, era superior em cerca de 37.400 contos ao de igual data do ano de 1967. O crédito outorgado por meio de descontos, de contas correntes e de garantias prestadas, totalizou cerca de 604.000 contos.

A despeito do referido acréscimo de aplicação de fundos, os nossos meios financeiros disponíveis conservaram-se a nível elevado, proporcionando uma desafogada liquidez.

Os resultados do exercício, depois de efectuadas as provisões e amortizações julgadas convenientes, elevaram-se a Esc. 2.245.424\$68, o que representa mais cerca de 11,4% que os verificados no ano precedente. Parece-nos, contudo, oportuno frisar que as despesas de exploração foram superiores em cerca de 15%, às de 1967, em consequência do aumento de encargos com o pessoal, contribuições e remuneração aos capitais alheios.

A pedido desta Administração, reuniu em 21 de Dezembro de 1968 a Assembleia Geral Extraordinária do nosso Banco, com o fim de ser apreciado um projecto de alteração do pacto social, o qual foi aprovado por unanimidade e se encontra agora no Ministério das Finanças, para efeito de ratificação.

Com excepção de pequenas modificações, os nossos Estatutos datam da constituição do Banco em 1932 e devem considerar-se já inadequados às necessidades actuais e insuficientes para preservarem devidamente o futuro da Instituição. Em vista disso,

OS ADMINISTRADORES, *Sotero Mendes Pinto, Luís Gonçalves Camarada, Manuel de Sá Leão e Seabra*

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumprindo os preceitos legais e estatutários, examinámos com regularidade as contas e valores do Banco, que encontrámos sempre na melhor ordem, e vimos submeter à vossa apreciação o Parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração do exercício de 1968.

Tivemos oportunidade de verificar o esforço desenvolvido pelo Conselho de Administração na sua criteriosa e esclarecida gestão, sendo-nos muito grato constatar que foi mantida a progressiva marcha dos negócios do nosso Banco.

Faleceu, neste exercício, o senhor João Dias Pires, nosso colega de trabalho, que deixou bem vincada a sua presença com

uma proficiente colaboração. Aqui deixamos consignado o nosso preito de homenagem à sua memória.

Terminando, somos de parecer:

- 1) — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração relativos ao exercício de 1968;
- 2) — Que aproveis a sua proposta para a aplicação dos lucros líquidos apurados;
- 3) — Que louveis o Conselho de Administração pela eficiência no desempenho da sua pesada tarefa, bem como todo o pessoal pelo zeloso cumprimento dos seus deveres.

Faro, 20 de Janeiro de 1969.

OS ADMINISTRADORES, *Sotero Mendes Pinto, Luís Gonçalves Camarada, Manuel de Sá Leão e Seabra*

procurámos dar-lhes um texto mais consentâneo com as exigências presentes e, deste modo, conceder aos corpos gerentes meios mais eficazes para o desenvolvimento e expansão do Banco.

Com o objectivo de servir a principal zona de turismo algarvio, abrimos, em Maio de 1968, um posto de câmbios na Praia da Rocha. Recusando-nos a admitir, como lemos algures, que o nosso turismo seja uma «ilusão perdida», acalentamos forte esperança que ele possa continuar a ter um papel relevante no equilíbrio da nossa balança de pagamentos e que a sua expansão constitua um dos sectores mais dinamizadores do desenvolvimento nacional. Para tanto, porém, indispensável será abolir utópicas concepções do género da que entende que para fazer turismo sejam suficientes as condições privilegiadas de clima, a excelência das praias e a beleza das paisagens. Simultaneamente, ter-se-á de adoptar um conjunto de medidas esclarecidas que, em substituição das actuais soluções de emergência, estructure o nosso turismo em bases sólidas.

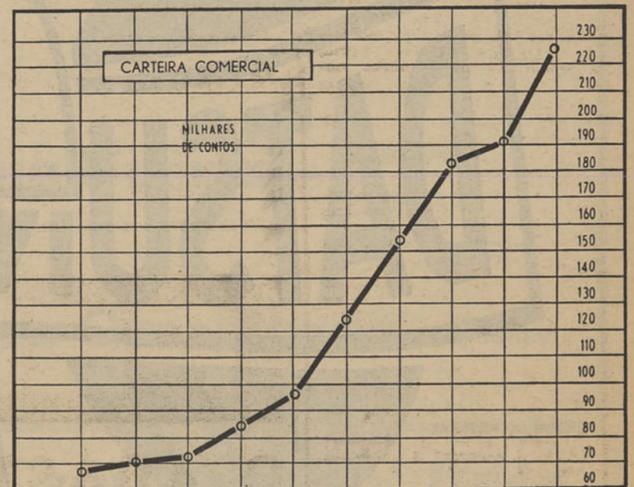
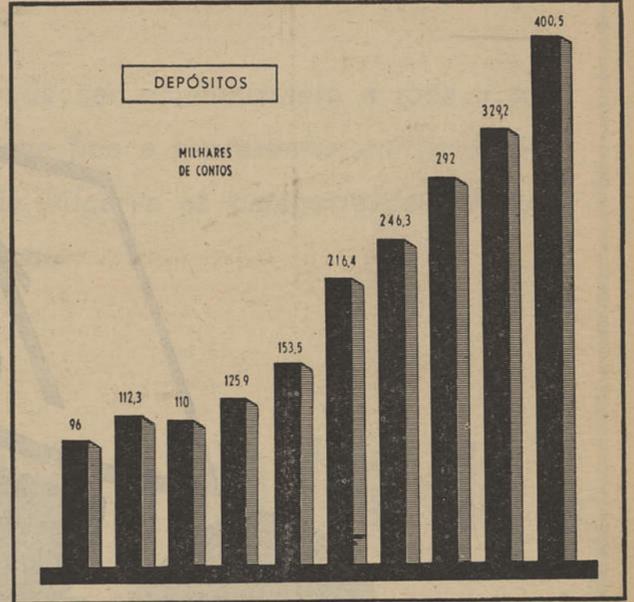
No decurso do último exercício tivemos o desgosto do falecimento do nosso particular amigo e membro do Conselho Fiscal, senhor João Dias Pires, que durante muitos anos exerceu aquelas funções com o maior zelo e competência. Aqui desejamos exarar a expressão do nosso profundo pesar.

Cumpre-nos agradecer ao Ex.^{mo} Conselho Fiscal a valiosa colaboração dispensada e a todo o pessoal a dedicação e competência com que desempenharam os seus cargos.

Para os lucros líquidos apurados, de Esc. 2.245.424\$68, propomos a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Legal	Esc. 225.000\$00
Para Fundo de Reserva Variável	Esc. 1.350.000\$00
Para Dividendo (ativo de impostos)	Esc. 625.000\$00
Para Conta Nova	Esc. 45.424\$68
	Esc. 2.245.424\$68

Faro, 20 de Janeiro de 1969.



Balanço em 31 de Dezembro de 1968

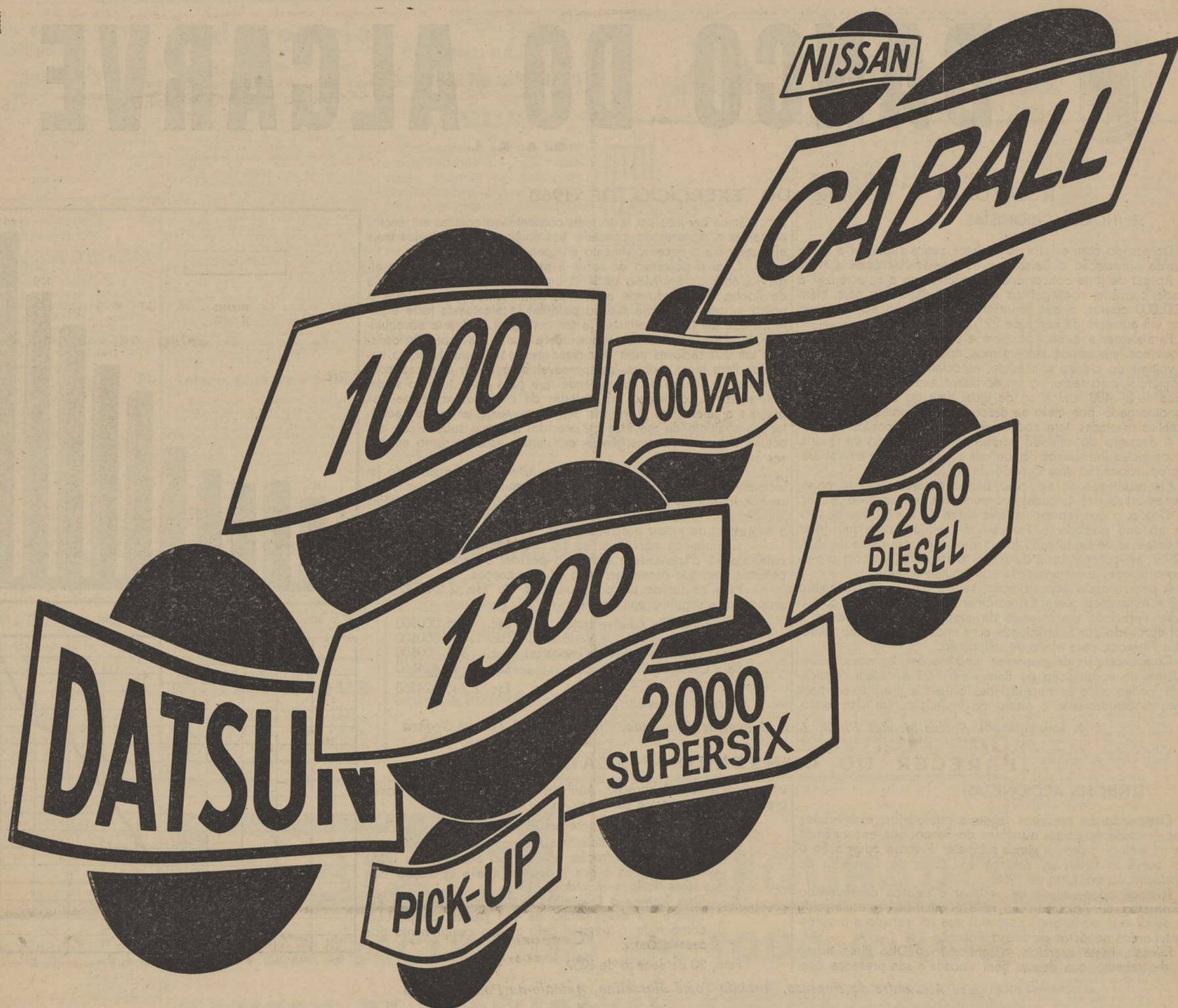
ACTIVO				PASSIVO			
DISPONIVEL E REALIZAVEL				EXIGIVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal . . .	49.169.960\$91			Depósitos à Ordem — Moeda Nacional . . .	231.568.610\$05		
Depósitos noutras Instituições de Crédito . .	88.305.593\$40			Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira . .	2.095\$40		
Promissórias de Fomento Nacional	11.000.000\$00	148.475.554\$31		Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	3.187.414\$00		
Correspondentes no Estrangeiro				Depósitos a Prazo — Moeda Nacional . . .	165.781.330\$40	400.539.449\$85	
Ouro, Moedas e Notas Diversas	81.702.211\$50			Cheques e Ordens a Pagar	1.478.682\$95		
Carteira de Títulos e Cupões	316.699\$60			Exigibilidades Diversas	230.293\$89		
Carteira Comercial	1.374.550\$00			Correspondentes no País	25.373\$30		
Letras sobre o Estrangeiro	228.365.264\$29			Empréstimos e Contas Correntes Cauccionados	3.597.172\$42		
Correspondentes no País	179.620\$50			Devedores e Credores	5.089.297\$47	10.420.820\$03	410.960.269\$88
Empréstimos e Contas Correntes Cauccionados	238.851\$20			NAO EXIGIVEL			
Devedores e Credores	13.961.857\$53	288.726.911\$36	437.202.465\$67	Contas Diversas e Provisões			98.285.755\$12
IMOBILIZADO				CAPITAL E RESERVAS			
Participações Financeiras		1.000.000\$00		Capital	12.500.000\$00		
Imóveis	3.865.692\$30			Fundo de Reserva Legal	2.128.000\$00		
Amortização (a deduzir)	1.713.412\$75	2.152.279\$55		Outros Fundos de Reserva	11.597.000\$00		26.225.000\$00
Imobilizações Diversas		609.548\$20	3.761.827\$75	RESULTADOS			
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO				Lucros e Perdas			2.245.424\$68
Contas Diversas			96.752.156\$26	CONTAS DE ORDEM			537.716.449\$68
CONTAS DE ORDEM			537.716.449\$68	Credores por Valores de Conta Alheia . . .	65.372.373\$47		
Valores de conta Alheia	65.372.373\$47			Credores por Valores Recebidos em Caução .	67.544.742\$60		
Valores recebidos em Caução	67.544.742\$60			Garantias e Aavales Prestados	14.960.471\$40		
Devedores por Garantias e Aavales Prestados	14.960.471\$40	148.104.187\$47		Outras Contas de Ordem	226.600\$00	148.104.187\$47	
Outras Contas de Ordem	226.600\$00		685.820.637\$15				685.820.637\$15

Conta de Lucros e Perdas do exercício de 1968

DÉBITO		CRÉDITO	
Juros e comissões a nosso cargo	8.332.493\$10	Saldo do exercício anterior	7.288\$86
Contribuições e impostos	925.332\$10	Juros e comissões a nosso favor	16.323.130\$93
Despesas com o pessoal	4.887.871\$74	Resultados em operações cambiais e sobre	
Despesas gerais	566.595\$84	títulos	663.820\$44
Encargos diversos	35.482\$10	Rendimentos de títulos de crédito	138.755\$23
Provisões e amortizações	303.592\$20	Outros rendimentos, receitas e lucros	163.796\$30
Saldo	15.051.367\$08		17.289.502\$90
	2.245.424\$68		17.296.791\$76
	17.296.791\$76		

Desenvolvimento do Banco do Algarve de 1959 a 1968

	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968
Depósitos	96.029.927\$75	112.302.053\$88	110.064.155\$93	125.961.886\$40	153.504.183\$32	216.488.364\$97	246.348.399\$32	292.046.029\$76	329.240.560\$05	400.539.449\$85
Carteira Comercial	68.789.501\$00	70.135.990\$03	72.837.082\$35	85.001.838\$25	96.779.912\$60	127.466.477\$70	155.132.153\$60	184.481.583\$15	190.914.980\$60	228.365.264\$29
Lucro Líquido	4.135.025\$73	5.186.243\$50	5.403.689\$66	5.825.487\$09	7.042.620\$47	9.895.849\$51	11.113.220\$14	13.426.611\$08	15.118.937\$46	17.296.791\$76
Lucro Líquido	1.006.018\$67	1.041.815\$44	1.047.781\$30	1.061.922\$73	1.401.814\$21	2.027.103\$22	2.102.324\$70	2.305.299\$16	2.014.288\$86	2.245.424\$68
Activo	150.058.288\$75	182.055.595\$09	170.363.720\$93	214.799.956\$93	258.027.825\$99	361.022.761\$54	412.088.895\$97	488.926.087\$94	587.978.168\$49	685.820.637\$15



Sete convites e uma nova paixão



Estilo Datsun-Nissan...

São sete os modelos DATSUN-NISSAN. Eles têm as características que há muito deseja num automóvel. Robustez, elegância, conforto, potência, economia e segurança. Porque são carros concebidos para a estrada e para servir, incansavelmente, os seus condutores. E contam com o apoio de um eficiente serviço de assistência e peças que cobre todo o país.

Tem, pois, muitos motivos para entregar o seu coração a um novo carro. Desde o utilitário 1000 à CABALL (1700 kg de carga útil). Todos são exemplos de mecânica de precisão DATSUN-NISSAN, o grande exportador japonês de automóveis.

Visite, hoje mesmo, o Entreposto ou os seus concessionários. Uma nova e duradoura paixão espera-o no DATSUN-NISSAN que escolher.

Datsun 1000 - 1000 c. c. e 62 cv; 135 km/h; 4 velocidades sincronizadas; suspensão independente às rodas da frente; 4 metros de raio de viragem.

Datsun 1000 Van - 1000 c. c. e 62 cv; 130 km/h; 1,285 m de comprimento de carga; retaguarda contrabalançada.

Datsun 1300 - 1300 c. c. e 77 cv; 145 km/h; velocidades sincronizadas; suspensão independente às 4 rodas; bancos dianteiros ajustáveis.

Datsun 2000 Super Six - 2000 c. c. e 6 cilindros; 112 cv e 155 km/h; 4 velocidades sincronizadas; Inteliramente alcatifado.

Datsun 2200 Diesel - Motor Diesel 4 cilindros; 70 cv; reduzido consumo; suspensão dianteira independente; máxima robustez.

Datsun Pick-Up - 1300 c. c. e 67 cv; 125 km/h; 1000 kg de carga útil; caixa de carga com 2,24 m de comprimento.

Nissan Caball - motor Diesel de 2164 c. c.; 70 cv e 110 km/h; 4 velocidades sincronizadas; caixa de carga de 3,40 m a 80 cm do solo; também em versão furgão.

REDE DE CONCESSIONÁRIOS

PORTO - Rótor - Sociedade de Comércio e Representações, S. A. R. L. - Rua Alexandre Herculano, 351, 367

BRAGA - Filial Rótor - Rua Eng.º Arantes e Oliveira, 442

VISEU - Viseu Industrial, Lda. - Avenida 28 de Maio

AVEIRO - Auto Geiza - Sociedade de Automóveis, S. A. R. L. - Borralha - Águeda

COIMBRA - Coimbra Auto, de Brinca & Morais, Lda. - Rua do Arnado, 19, 21, 23

COVILHÃ - Indústrias do Fundão - Fundão

CASTELO BRANCO - Garagem da Beira - Rua de Santo António, 1 a 15

LEIRIA - Auto Metalúrgica, de Nicolau Mateus & Filhos, Lda. - Rua de Santo António

SANTARÉM - C. Cristo, Lda. - Avenida D. Afonso Henriques, 97

SETÚBAL (Concelho) - Tecnizado, Lda. - Avenida Duarte Pacheco, Lote 2

BEJA - António Álvaro & Filhos, Lda. - Rua 5 de Outubro, 9 a 17

SETÚBAL (excepto Concelho de Setúbal) - António Álvaro & Filhos, Lda. - Praça do Município, 30 - Santiago do Cacém

FARO - Barradas, Pontes & Lança, Lda. - Avenida 5 de Outubro

MADEIRA-FUNCHAL - Auto-Comercial Central do Funchal - Rua do Hospital Velho, 19

ÉVORA - Barradas & Cândido Cebola, Lda. - Pr. Joaquim António de Aguiar, 30

DATSUN

O CARRO QUE FAZ AMIGOS

ENTREPOSTO

NOVA DIMENSÃO NO MERCADO AUTOMÓVEL

ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.

Av. Duarte Pacheco, 21-A/ Telef. 685175/6/7/8 - Lisboa 3

Oficinas: Praceta Projectada à Estrada de Benfioa (junto ao Jardim Zoológico)

Águas da Quinta da Bela Vista, Lda.

SETÚBAL

Tem a honra de anunciar que nomeou a firma

João Barradas, Lda.

LAGOA

representante exclusivo para a província do Algarve, das suas famosas águas de mesa:

Água Natural - Garrações - Garrafas

Água Gaseificada - Garrafas

João Barradas, Lda.

LAGOA

Tem o grato prazer de dar conhecimento a toda a sua numerosa clientela que fica a representar em exclusivo para a província do Algarve as categorizadas «Águas da Bela Vista» da firma

Águas da Quinta da Bela Vista, Lda.

SETÚBAL

Água Natural - Garrações - Garrafas

Água Gaseificada - Garrafas

CORREIO de LAGOS

A Costa de Ouro e a sua valorização

Sempre que nos deslocamos à zona privilegiada da Dona Ana, ponto central da Costa de Ouro, percorrendo o caminho para peões que do Pinhão lhe dá acesso, pensamos quanto poderia valorizar-se o trecho que se estende até à praia da Luz, com a construção de uma estrada, ou pelo menos de um caminho marginal que fosse a continuação do existente.

É isto porque assim valorizar-se-iam todas as praias que vão da Dona Ana à Luz, umas já com acesso, como as do Camilho e Porto de Mós e outras sem acesso, como as do Martinho e das Canas.

Com tal estrada ao caminho, tornava-se possível, o intercâmbio entre os turistas da Luz e Porto de Mós, bem como de todas as praias da Costa de Ouro, sempre entre o mar e a terra e dando azo a que muitos, extasiados com a beleza de determinados locais, especialmente quando o sol desponta ou se esconde, se sentissem presos a algo mais elevado, e, consequentemente, menos apegados a determinados preconceitos sociais que a pouco e pouco nos arrastam.

Muitos são os turistas, especialmente estrangeiros, que utilizam o caminho para peões Pinhão-Dona Ana, para se deslocarem à cidade, e é vê-los olhando aqui, fotografando ali, dirigindo cumprimentos a todos, sempre com um sorriso que de certo modo prende.

Tudo isto, atribuímos à boa disposição de espírito que a Costa de Ouro proporciona a quem sabe viver e sentir o verdadeiramente belo.

Dentro, pois, da nossa forma de pensar, defendemos sempre e temos fé de continuar a defender, que se aproveite tudo quanto a Costa conta, para a valorizar. Não privemos os que até nós vêm de apreciar os seus belos trechos por questão de uns metros de terra, que, bem vistas as coisas, se valorizam mais pela utilização em prol da colectividade, que por exploração agrícola muitas vezes improdutiva.

Deixemos antes aos vindouros uma porta aberta para se espiritualizarem em contacto com as coisas belas da Natureza.

Assembleias Gerais

Num meio como Lagos, onde se não apagou a chama que ilumina as pessoas de «posso, quero e mando» até em assembleias gerais para fins utilitários se faz sentir a acção dos que não querendo descer do pedestal, tomam atitudes contrárias aos bons princípios.

Duvida-se em conceder o uso da palavra aos que não estão nas graças dos mandões; recusa-se aceitar os cargos quando não se ajustam às posições que desejam tomar. Recriminam-se as pessoas que de certo modo se prestam a colaborar em modificações que a prática aconselha, e assim, actos solenes como conselhos às assembleias gerais, longe de contribuir para nos tornarmos mais educados, servem para nos convencermos de que o respeito pelos direitos do próximo, estão relativamente aos mandões, na razão directa do apoio que lhes dão.

Há excepções, felizmente, pois na última assembleia a que assistimos, no Clube Esperança, tudo foi conduzido com ordem, não sendo negada a palavra a quem quer que fosse, estabelecendo-se até uma forma de diálogo para que todos os componentes da assembleia ficassem esclarecidos dos pontos de vista focados a bem do clube e dos sócios. Duvidamos que nessa assembleia estivessem presentes pessoas de elevada

categoria social, mas talvez porque a respectiva mesa orientou os trabalhos de harmonia com o aviso convocatório e o aprumo que se impõe em actos solenes, todos se deram por satisfeitos, contrariamente ao que aconteceu na realizada no passado dia 23 na Caixa de Crédito Agrícola, onde as coisas se processaram de forma tal que uma escassa minoria, revoltada, se colocou mal perante maioria bem intencionada, que retirou desolada.

Brincadeiras de mau gosto

Aconteceu em Lagos na tarde de terça-feira de entrudo... centenas de jovens entenderam dever praticar actos que não se justificam, mesmo no Carnaval, pois interromper o trânsito, danificar automóveis, manchar fatos com substâncias que os possam inutilizar, não é aceitável.

Deu-se que fazer à G. N. R., ao Tribunal, com penas suspensas que podem dar azo a desgostos sérios, muitas, enfim, uma série de coisas que não prestigiam os autores nem a cidade.

É quando pensamos que adultos houve que contribuíram de certo modo para a efectivação do que classificamos de brincadeiras de mau gosto, não podemos deixar de dizer que os diversos da juventude dos nossos dias são em grande parte fruto dos exemplos e indifferenças dos mais velhos.

«Um pouco do que o Algarve necessita»

Talvez porque como Maurício Monteiro, sentimos a necessidade, de fomentar o progresso do Algarve pelo aproveitamento dos recursos de que dispõe, foi-nos grato registar quanto em ar de perguntas vem apontando no sentido de nos interarmos sobre o que mais convém para sairmos do letargo em que temos permanecido.

Vem de longe os nossos reparos no sentido de se construir uma destilaria em condições de aproveitamento total dos nossos figos, que em anos de má seca são vendidos ao desbarato para valorização da empresa concessionária de fabrico de álcool que se situa no norte do País.

Lagos, conta com uma Mútua de Gado Bovino, através da qual nos é dado constatar que o número de animais seguros justifica a indústria de curtumes defendida por Maurício Monteiro. De resto, todas as suas ideias como aceleramento de florestação na serra do Caldeirão, aproveitamento de sapais, instalação de uma fábrica de cerveja, barragem que beneficie no Sotavento os terrenos aquém Guadiana para complemento da área regável com a barragem de Barlavento, são de realizar para que o Algarve vá mais além, quer sob o aspecto de produtividade, quer sob o turístico.

Os nossos conhecimentos não bastam para desenvolver em pormenor o valor das ideias expostas por Maurício Monteiro, mas confiados estamos que outros surgirão, inclusive os componentes da Federação dos Grêmios da Lavoura do Algarve, no sentido de estudo profundo tendente à realização dos seus objectivos, que, postos em prática, muito contribuirão para um Algarve maior e melhor.

Encontro com Tino Costa

O acordeonista iacobrigense Tino Costa que leva além-fronteiras a música portuguesa com todas as características dos nossos usos e costumes, veio actuar no Hotel Golfinho na época do Carnaval. Encontrámo-lo, há pouco, por acaso

Comparticipações

Pelo secretário de Estado da Indústria foram concedidos 1 480 000\$00 aos Serviços Municipalizados de Portimão para as redes de distribuição de energia eléctrica nas praias do concelho, linhas de alta tensão e consequente adaptação das instalações existentes e da sub-estação.

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António a comparticipação de 115 800\$00, para reparação e beneficiação do caminho municipal de Manta Rota a Nora (na estrada nacional n.º 125) passando por Buraco na mesma estrada e Caceia, 5.ª fase (ponto sobre a ribeira de Caceia).

e logo inquirimos dos seus progressos. Mostrou-nos um jornal português que se publica no Canadá, onde recentemente actuou, no qual vimos que ali se aprecia a música portuguesa, e se repara no facto de em Portugal haver quem prefira as músicas yé-éys. Disse-nos que na América, onde permaneceu 3 meses, tudo o prendeu, referindo até que um camarada da viagem que desenhava de determinados preconceitos americanos, depois de observar o que ali se passa, mudou de parecer. Manifestou o seu descontentamento por artistas portugueses preferirem letras estrangeiras, referiu-nos que na vizinha Espanha não são considerados artistas espanhóis os que assim procedem e prometeu que no próximo Verão tudo encaminharia para passar uns dias em Lagos, proporcionando-nos uma exibição no Cine-Teatro Império, o que ansiosamente aguardamos, porque Tino Costa, marcou os seus primeiros passos actuando a favor do Centro de Assistência de Nossa Senhora do Carmo, do qual estamos convencidos não se esquecerá nessa ou noutras exhibições que venha a efectuar.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

Corporação da Pesca e Conservas

Sob a presidência do sr. dr. Edison de Magalhães, vice-presidente em exercício, no impedimento, por doença, do presidente, reuniu-se a direcção da Corporação da Pesca e Conservas, estando presentes os vogais srs. José Gomes de Carvalho, Jacob Perianes Palma, Francisco Dias Barata e Mário Inácio de Matos. Também esteve presente o vice-presidente do Conselho da Secção das Conservas de Peixe, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça.

A direcção apreciou os pareceres subsidiários recebidos do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, dos Grêmios dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte, Centro, Setúbal, Barlavento e Sotavento do Algarve, dados através da sua assembleia plenária, e bem assim, da Junta Central das Casas dos Pescadores, quanto à revisão anual das normas a observar na pesca da sardinha, na próxima safra. Por fim, com base naqueles pareceres, emitiu o seu próprio, que enviou à Direcção das Pescarias do Ministério da Marinha, que o havia solicitado.

Vendem-se, Andares

Em Faro, de 4 e 5 assoalhadas grandes. Acabamentos de 1.ª — isentos 4 anos. Desde 220 contos. Situados em Bairro Novo — junto ao Mercado. Trata no local ou na Rua Eng. Duarte Pacheco, n.º 8, telefone 22902 — FARO.

Cantinho de S. Brás...

Jogos...

TALUDA pelo Natal deu uma saída a tadeia a S. Brás de Alportel. O Lami, simpaticamente deixou em boas mãos cerca de 2.000 contos, sendo generosamente recompensado pelos felizes contemplados. Teve arte para distribuir essas cautelias!

Posteriormente, também outro cautelheiro andou por aqui de porta em porta com outro número da «grande», mas parece que não fez negócio (até admira!) Naturalmente fecharam-se em copas, os felizardos, ou esse dia foi mesmo de pouca sorte para os candidatos à sorte grande.

O certo é que S. Brás ficou, desde o dia astago do Ano Bom, mais mal e muito mais pobrezinha. Porque, se espalharam dois ou três mil contos, os beneficiários foram meia-dúzia. E a praga de cautelheiros, praga do Egipto, como ganhanhos, invade estes domínios, deixando-nos dependentes, e daqui não saem! Ficamos lisinhos como calhaus da ribeira. Somos assim! Só jogamos em forte, depois de ter saído aos outros. Levamos depois a martelar, insistir até ao esgotamento, não havendo ferro de algarbeira que resista a tanta maziada, como se fosse tetas de vaca leiteira.

De maneira que, aos encontros uns com os outros, «tumbas» como o Ventura (o Blé é outra loiça...) não saando pelos com tanta regularidade que diz-se-ia o concelho possuir agora minas de diamantes. Tanto se insinuam, tantas voltinhas dão, tanta garrochada levamos com a sua cantilena que acabamos por cair como patinhos numa lagoa! O que nos entusiasma é ver parceiros que andavam à rasquinha e dum momento para o outro saltam para a alta roda! Enfim, passam a ser os grandes cá da terra, dão cartas e a gente a marcar passo sem que ninguém nos ligue!

Ao sábado, desabam as primeiras ilusões, nos «creens» da televisão. Aos domingos, as agências do totobola sofrem o assalto, conferindo-se e reconferindo-se as matrizes, e nada, nada! Tudo passa a casa branca, deixando-nos mais tesos que carapau estivado. No totobola, nem um doze para entreter, e na lotaria nem terminação para consolar. E nos bilhetinhos, nem se fala nisso! Gasta-se o bico das esferográficas e não há meio de se atinar com os lugares certos do I-2-2, esses quadrinhos mágicos que capricham em fabricar tri-milionários. Mas quem não há-de tentar a coisa? As bolas estão dentro da esfera. Como resultados da bola, copiamos os desaguçados palpites do Artur Agostinho (que barra a dar audiência em tão doula matéria!) mas não passamos do 6, 7 ou 8. Porém a lógica inverte-se amúde e fica tudo ensarilhado. Também, com \$300, havíamos de ser milionários! Seria afronta para quem gasta contos de réis nas diversas modalidades.

Vamos entupindo, mais caladinhos que rato toupeiro, à espera dum surpresa. Não seremos daqueles que quando sai alguma coisa de feito, negam pela luz dos olhos, mas ao aparecer qualques facturas a pagamento, sacam do livro de cheques, afiorando sorriso triunfal, mas negando, negando sempre. Se não tem prédios de aluguer, donde vem ele? Felizmente as juras de cipano não lhes caem em cima, pois de contrário haveria gente cega por todos os cantos, se tais disparates fossem ouvidos.

E mal acaba o domingo, espera-se ansiosamente outra semana, para o fado recomecer. Toca de proceder do mesmo modo, esperando, cheinhos de ilusões! Ao sintonizar o noticiário das 20, o coração bate mais forte e apressado. Aguarda-se febrilmente, com o secreto presentimento de que «vai ser agora». Isso sim! Perde-se a cor! Uma prostração moral e física invade as mais recônditas regiões do sacrificado organismo, como se fosse personagem de Dickens na «Loja de Antiquidades». Balbucia-se mentalmente, jura-se pela saúde, sua e dos seus, que nunca mais se joga. Raiva mal contida e uma convicção espontânea, fazem regressar a «carcassa» à normalidade.

Mas o grito do 2627, apregoado pelos cautelheiros mesmo nas barbas das pessoas repercuta-se, perfura todas as fibras como a Apolo-8 o Cosmos, e, os estremitamentos, espasmos em irresistível vibração, juras e trejeitos são calçadas, esquecidas.

E... vá lá, só um! Atrás de um vai um cento, e está-se mesmo a ver o desabar estrondoso da montanha de ilusões que vive no espaço de sete dias, nos mais vicçados.

Enfim, com esperanças se vai vivendo até que se estica o «pernilo». Quem nasce para pataco não chega a meio tostão, e a nossa sina será sempre a mesma: chapa batida, chapa lambida, vivendo meio anestesiados, como que a esperar um D. Sebastião, numa manhã de nevoeiro... — F. CLARA NEVES

DOMPLEX

«REGISTADA»

UMA DAS MARCAS DE QUALIDADE DA PLASTIDOM PARA PRODUTOS PLÁSTICOS DE USO DOMÉSTICO E OUTRAS APLICAÇÕES

EM QUALIDADE SEM SIMILAR

EM RESISTÊNCIA E DURABILIDADE

EM CORES E APRESENTAÇÃO

para DOMPLEX uma só palavra

— DISTINÇÃO —

Fabrico da PLASTIDOM — PLÁSTICOS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA. APARTADO 105 — TELEF. 22 837 — LEIRIA (GARE)

Distribuição através de uma rede de Agentes em Lisboa, Porto, Braga, Província e Armazéns da Especialidade

ASSIS RODRIGUES

ADVOGADO

Rua Cons. Joaquim Machado n.º 27-2.º — Telef. 447 — LAGOS.

Grande Prémio TV da Canção Portuguesa

(Conclusão da 1.ª página)

meio artístico português tão ávido de expansão dado o limitadíssimo campo de acção de que dispõe, mas, ao lado do malogro, há o esforço evidenciado pela Televisão e também o seu construtivo objectivo, a sua intenção. É vulgar dizer-se que de boas intenções está o mundo cheio, mas quando a intenção é posta em prática, há que aceitá-la, mesmo que não resulte, como uma experiência, uma tentativa, um facto. Porque assim entendemos, independentemente da opinião formada sobre este festival e que revelaremos a seguir, não podemos deixar de reconhecer o seu esforço e por ele felicitar-lo. Apenas lamentamos, como há um ano e fizemos, que o Grande Prémio não tenha ainda agora dado à Radio-televisão Portuguesa a alegria de ver a sua iniciativa coroada com um êxito musical. Lamentamo-lo e, porque a TV o lamentará também e até bastante mais do que nós (tanto trabalho e tempo gastos para...), juntamos à nossa compreensão os votos e a esperança de que o próximo Grande Prémio constitua um verdadeiro prémio para o seu trabalho e para a música de Portugal — para a nossa música.

Seguindo a orientação que sempre temos dado a estas nossas críticas, se assim entendermos chamar às considerações que desde 1966 tecemos ao assunto, vamos falar do Festival. Pouco temos a acrescentar ao dito nos anos transactos, mas não deixaremos de analisá-lo nas suas principais facetas com o interesse que, pelo seu objectivo, o Grande Prémio nos merece. Fosse ele um festival de limitações nacionais como são os demais que se efectuam por todo o País e riscá-lo-íamos da nossa agenda de trabalhos, também. Mas o Grande Prémio é um festival que atravessa a fronteira e porque não sabemos ficar inertes quando se joga o nome de Portugal aqui estamos (nós os senhores críticos, como muito irónicamente se escreveu) de penas aguçadas para desançar os autores. Gostaríamos de saber quem, no entender de certo compositor, deve ser responsabilizado pela mediocridade das canções concorrentes a este certame. Se o Grande Prémio é um festival diferente dos festivais que se realizam por todo o País — esses festivais que, no dizer do mesmo compositor, são feitos a bem disto e daquilo... em benefício deste ou daquele... benemérito ou entusiasta, sem júris nem artistas a sério e em que são seleccionadas as mais fracas canções de todos os autores, excepto a dum tal que irá ser cantada por fulana — se o Grande Prémio está a salvo destes lapsos e compadrios por que o ignoram, então, os nossos melhores compositores? Nem Belo Marques nem António Mello, nem Carlos Dias nem João Nobre, nem Jerónimo Bragança nem Frederico Valério, nem... Nem nenhum dos que constituem o escol dos compositores nacionais. Todos ausentes do Grande Prémio como nestes tais festivais, incluindo Jerónimo de Bragança que publicamente considerou o certame da TV um festival à parte.

Sempre considerámos o Grande Prémio um festival idóneo e por esta convicção mais motivos temos encontrado para, ano após ano, «desançar» nos autores: nos que comparecem pela sua

frágil capacidade criadora; nos ausentes porque, recusando a sua contribuição, trabalham activamente para o desprestígio europeu da música portuguesa. Voltamos, mais outra vez, a imputar aos autores a máxima responsabilidade pelas débeis embaixadas portuguesas ao Festival Europeu da Eurovisão, mais como não fazê-lo ante a fragilidade das canções seleccionadas? E como não voltar a perguntar, também, o motivo por que não concorram ao certame os autores que, sabendo-se os melhores, continuam conscientes e deliberadamente ausentes? Porque o fazem? Em que baseiam a sua formal e colectiva decisão? Algo se passa que escapa à nossa percepção e que esses autores escondem closamente. Talvez lhes assista uma especial razão, mas não tão grande como o dever de se abrirem. É que não se trata de satisfazer a curiosidade da gente dos jornais, dos críticos...; trata-se de dar uma explicação a Portugal, o grande lesado do imbróglio em que a decisão dos mestres da canção transformou o Festival TV da Canção Portuguesa.

Tocado este ponto que nos parece essencial, ocupemo-nos do montante das produções recebidas pela administração. Trezentas e treze! Simplesmente trezentas e treze! Já o ano passado referimos a exuberância e da necessidade de reduzir o seu número para mais fácil trabalho do júri de selecção. Sugerimos até que se limitasse o número das canções a cada concorrente. Verificámos agora que esta medida (foi limitado a três o número de trabalhos por autor) se tornou ineficaz pois que, mesmo assim, o total das composições ultrapassou o do ano transacto. Atendendo a larga contribuição vinda de Angola e Moçambique, parece-nos que as novas disposições a tomar terão de incidir sobre os originais dessas duas províncias ultramarinas. Achamos de toda a utilidade que se constitua júris de selecção numa e noutra província, aos quais caberia, à semelhança do que se faz em Lisboa, o trabalho de eleger as canções (sugerimos 2) a apresentar no continente. Estas canções juntar-se-iam às seleccionadas em Lisboa, talvez oito, e o seu conjunto que seria de 12, constituiria a matéria para o Grande Prémio. Todo o Portugal continuaria deste modo presente e, sem que se lesasse os interesses de ninguém, facilitava-se a tarefa da selecção cada ano mais extensa e fatigante para ser realizada por um único júri.

Também sobre o elemento artístico destes festivais temos algo de novo a dizer. No que refere aos artistas do continente, continuamos a não perceber o óbvio de certos nomes, tais como: Lina Maria, Alice Amaro, Paula Ribas, Gina Maria. Igualmente não concebemos que se dê aos autores ampla liberdade para escolher os intérpretes. A experiência do ano passado, nunca será demais recordar, mostrou toda a inconveniência da disposição; o testemunho de esta noite voltou a reafirmá-la e, em nosso parecer, a impor que futuramente tal missão seja muito mais da competência do júri de selecção. Este, de acordo com o género da melodia, escolha de entre as artistas com voz adaptáveis a ela, a que mais possibilidades reunir para a interpretação. Mas artistas portuguesas são também os estabelecidos em Angola, Moçambique... e parece-nos lógico que fossem eles a interpretar aqui as canções ultramarinas. E estes eles não são aqueles que por cá andam ou cá ficaram, são os que lá exercem a sua actividade.

A estes cabe o direito de trazer ao Festival Nacional, as canções das suas terras, as canções que os seus compositores fizeram, as suas canções.

Passemos agora ao Festival em si. Da qualidade das canções que dizer? Que voltaram a decepcionar-nos pela melodia. Mais canções sem carreira, mas canções que em breve iremos esquecer. Mais canções de que foi necessário escolher a apresentar em Madrid e que, por isso, terá a honra de representar Portugal. Afinal foi indiscutivelmente a melhor do que melhor souberam fazer os compositores portugueses. Cabe a Simone de Oliveira levá-la a Madrid e sabemos que irá fazer para valorizá-la tudo quanto souber. Está assim «Desfolhada» entregue à nossa melhor cançonista, mas isto não significa a nossa melhor intérprete para a canção. Sobre este ponto temos algumas dúvidas, talvez infundadas mas que nos levam a pensar em outras artistas com voz menos potente e sem a sua capacidade mas de presença mais suave e comunicação mais fácil. Se ao menos Simone aprendesse até lá a sorrir!... A sorrir frente às câmaras, a pentear-se e a vestir-se. Nem tudo que a fantasia dos cabeleiros e costureiros concebe nos favorece e há coisas, então, que nos prejudicam. Mas voltamos à intérprete.

Simone de Oliveira é intérprete de voz dramática; «Desfolhada» parece-nos uma canção para que bastava uma voz bem modelada. Talvez a voz de algumas cançonistas sistematicamente esquecidas nestes festivais. Pode ser que para o próximo... Elas continuarão a esperar num misto de silenciosa esperança e descrédito a sua vez; nós continuaremos aguardando — mas falando por exigência da nossa missão — que a canção vencedora do Grande Prémio venha um dia a reunir qualidades para discutir uma posição honrosa para Portugal.

Esta a nossa esperança, uma esperança que renasce de ano para ano e que a palidez deste festival tornou mais viva. Talvez em 1970!... Sim, esperemos agora no 1970!

MARIA CARLOTA



Simone será a intérprete em Madrid

Simone de Oliveira, interpretando a canção «Desfolhada», de José Carlos Ary dos Santos e Nuno Nazaré Fernandes, será a representante do nosso País no Festival da Eurovisão que vai realizar-se este ano em Madrid.

«Desfolhada», sem dúvida uma das melhores canções apresentadas no Grande Prémio TV, conta com a presença do Algarve, se não no ritmo, pelo menos nos belos versos de Ary dos Santos. Por isso não resistimos à transcrição:

«DESFOLHADA»

Letra de José Carlos Ary dos Santos
Música de Nuno Nazaré Fernandes

Corpo de linho
Lábios de mosto
Meu corpo linho
Meu fogo poiso.
Eira de milho
Luar de Agosto
— quem faz um filho
Fá-lo por gosto.
E milho rei
Milho vermelho
Cravo de carne
Bago de amor
Filho de um rei
Que sendo velho
Volta a nascer
Quando há calor.

Minha palavra
Dita à luz do Sol nascente
Meu madrigal de madrugada
Amor amor amor amor presente
Em cada espiga desfolhada.

Minha raiz de pinho verde
Meu céu azul tocando a serra
O minha migalha e minha sede
O mar ao sul da minha terra.
E trigo loiro
E além Tejo
O meu país
Neste momento
O Sol o queima
O vento o beija
Seara louca em movimento.

Minha palavra dita à luz do sol nascente
Meu madrigal de madrugada
Amor amor amor amor presente
Em cada espiga desfolhada.

Olhos de amendoeira
Cisterna escura
Onde se alpendra
A desventura
Moira escondida
Moira encantada
Lenda perdida
Lenda encontrada
O minha terra
Minha ventura
Casa de nós
Desamparada.
O minha terra
Minha lonjura
Por mim perdida
Por mim achada.

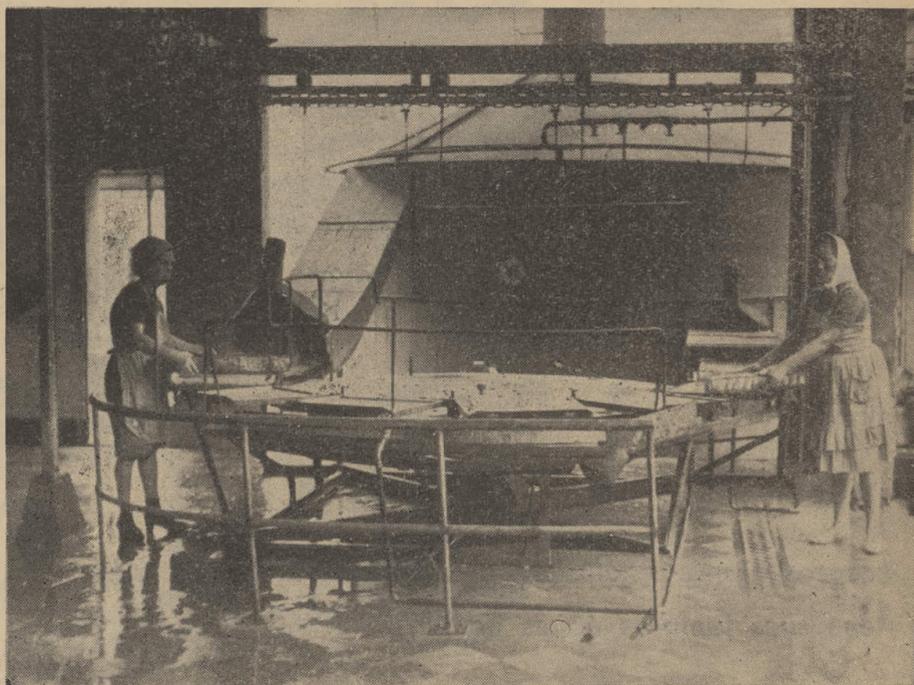
ATENÇÃO À INDÚSTRIA CONSERVEIRA COZEDOR CONTÍNUO

Patente n.º 46 035 — Patentes pendentes noutros países

O mais revolucionário sistema de cozimento contínuo de peixe. Fantástica economia em mão-de-obra e combustível.

— Abolição total dos CARRÕES.

— **INÉDITO:** — Coze dois tamanhos de peixe simultaneamente. A sardinha cozida neste Cozedor, fica muito brilhante e **INTACTA** (não fica fendida como acontece no sistema convencional), o que a valoriza comercialmente.



Fotografia de um Cozedor com a capacidade de cozimento de 920 grelhas/hora

DOIS SISTEMAS DE COZIMENTO

incorporados na mesma máquina:

- Cozimento por Vapor Directo
- Cozimento por Ar Quente

Mudança de um sistema para o outro em 10 minutos.

Sistema automático contínuo de lavagem dos tabuleiros de transporte das grelhas com recuperação do óleo.

— Uma máquina completa —

CONSTRUTORES: Oficina Metalúrgica PERROLAS, LDA.

Rua Infante D. Henrique, 40 - 44

Telef. 571

PORTIMÃO

Festival de teatro amador em Faro

(Conclusão da 1.ª página)

serviços prestados à Arte de Talma;

— o fim altruista a que se destina a receita.

Perante estas proposições, subentenda-se do interesse gerado em torno do espectáculo que vai efectuar-se às 21,15 de segunda-feira no Cinema Santo António, da capital algarvia.

A apresentação será feita pelo escritor Luís de Oliveira Guimarães, e o programa inicia-se com a representação de «O dia seguinte», de Luís Francisco Rebelo, na encenação do dr. Emílio Campos Coroa, director artístico do Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve. Elementos deste mesmo grupo interpretarão depois «A cantora careca», de Eugène Ionesco, farsa encenada pelo dr. José Luis Louro.

O Grupo da Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d'Aguiar, de Evora, levará à cena «Antígona», de Jean Anouilh. E já conhecida do público algarvio a valia dos amadores eborenenses, que registaram assinalado êxito interpretando em anteriores e sucessivos anos as peças «O tinteiro» e «A raposa e as uvas».

Mantém-se assim útil intercâmbio entre os devotados amadores de Evora e de Faro, com vantagem para as causas da cultura e da arte. De todo este factor de elevado índice artístico, a que nos temos vindo a referir, ressalta ainda a finalidade da receita. Obra do maior alcance social e humano se propõe efectuar a Associação Algarvia dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais. Mas ela só será viável com a ajuda e compreensão de quantos residem na província do Sul.

Os bilhetes para este festival de teatro moderno encontram-se à venda na Comissão Municipal de Turismo (Rua Ivens, telef. 22294) e na Casa Labor (Rua de Santo António, 4 e 6, telef. 22628), em Faro, aos preços de 40\$00, 30\$00 e 20\$00, a plateia e 10\$00, a superior.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS

Ortópica (ginástica ocular) - Lentes de Contacto

Consultas: Rua de Sto. António, 49 - 1.º Dto. — F A R O

ESPAÇO DE TAVIRA

A chuva, o Barata e o Festival...

— **U** é que tens a culpa disto! Tu e outros...

Assim se me dirigiu o Barata, velho amigo, sempre calmo e delicado, mas, desta vez excitado, furioso mesmo. Fiquei suspenso! Sou um fraco membro de uma comunidade, e de modo algum poderia ter tido ou vir a ter influência em algo que descontentasse o Barata. Que será? pensei, e, pelo sim pelo não, arisquei:

— Da chuva? ...

— Qual chuva, nem qual carapuca? ... Não é que ela não me tenha incomodado, já aborreço tanta água. O que te quero dizer é que: Chuva! Toda essa que tem caído nos últimos dias, não chegava para esses fulanos da R. T. P. É o que estão a pedir, eles e os horríveis programas que apresentam...

— Mesmo assim — cortei — desconheço quais as minhas culpas. Não sou do conselho de administração, não escrevo os programas...

— Eu sei do que falas. Lembra-te quantas vezes tu e os teus camaradas que escrevem no «Espaço de Tavira» jalgaram da necessidade de a Televisão abrançar, na sua zona de acção, esta parte de Sotaventado do Algarve. E lamentaram vocês essa falta durante cerca de uma década de anos para isto? Não valia a pena.

Antes que a conversa continuasse, sem novo, pois eu continuava sem compreender, puzei-o pela manga do casaco:

— Sentamo-nos aqui, tomamos uma bica e contas isso melhor.

Pois bem. Trata-se do Festival. Foi ontem, como talvez saibas. E a celeuma levantada à volta do assunto, aliás pela própria TV, fazia ter-se a esperança de que, este ano, seria diferente e bastante melhor. Um responsável por rubrica ouvida na sexta-feira anterior, tinha informado o público do êxito que iria ter a realização do Grande (?) Prémio TV da Canção, por se efectuar num teatro, fora dos estúdios, e por a apresentação estar a cargo da artista de teatro Lourdes Norberto.

Eu, que não tinha assistido ao Festival, sorte minha, é claro, tive de perguntar:

— E foi bom?

Nem fales nisso. O facto de ter sido num teatro poderia ter dado mais calor ao espectáculo. Mas os que o seguíam nas suas casas, viram-se privados de perceber bem as letras das canções, em virtude de qualquer deficiência técnica nos microfones. Só se ouvia a orquestra, ou então cantaram coisas muito baixas... A locutora! Bem, não me faças rir. Uma última como apresentadora de um espectáculo, ainda por cima, de um espectáculo, que, pretensiosamente, havido sido anunciado como de grande categoria... Enganava-se, trocava os nomes das canções que anunciava, errava as somas na contagem dos votos, e na altura em que precisava dominar tudo, com entusiasmo, na altura em que trouzera ao palco os autores da canção vencedora, que-rou-se muda como colégia em festa de distribuição de prémios, perguntando cá para baixo, ao realizador, o que haveria de fazer, o que haveria de perguntar...

— tá boa. Mas então não houve nenhum locutor ou locutora, profissional, que se encarregasse disso a contento?

— Questão de cunhas, atalhou prontamente o Barata. Como sabes, por causa dos pedidos, há muito boa gente a desempenhar cargos para os quais nem tem tendência, nem percebe. Claro que ainda há outros que têm os lugares e só assinam.

— Bem, bem, não sejas má língua e conta mas é o resto, que estou com uma certa curiosidade...

— A coisa foi, felizmente, rápida. Apresentaram dez canções que seriam as melhores entre trezentas e tal, do que duvidou um pouco. Só se o título da música ligeira portuguesa vem crescendo em vez de se valorizar. Os intérpretes. Bem, os intérpretes são um caso à parte. Os do sexo feminino traziam vestidos. Os outros pareciam tirados dum romance de Charles Dickens; ou do «Barbeiro de Sevilha». Não havia ninguém vestido à século XX. Talvez tivesse sido influência do Carnaval há pouco terminado...

— E a votação, que tal?

— A votação decorreu menos mal, embora a locutora tivesse dito culpas em não dominar a situação. Para uns dava boas noites, a outros agradecimentos, confundia as localidades e não sei que mais. Tudo por não tomar a iniciativa e o comando das operações como lhe competia. Os júris regionais votaram a que lhes pareceu mais equitativa e dentro desse princípio, acho que foi muito bem votada. A canção «Desfolhada», por Simone de Oliveira, sempre tinha melodia e um ritmo que não era cansado como o das restantes.

O que é, é que... para representar Portugal... enfim... sabes o que tem sido nos anteriores Festivais da Eurovisão...

— Agora que já estás mais calmo, reconhece lá que eu não tive culpa de tudo isso. Ao pedirmos para ser abrangidos pela TV, sempre esperamos que, mais dia menos dia, os programas melhorassem...

— A quem o dizes... Mas olha que a minha irritação é válida. Andarmos tanto tempo a pedir uma coisa que afinal não deixa de emitir baracos, não transmite os jogos de futebol e à qual ainda por cima tem que se pagar uma taxa, apesar de tanta propaganda feita no meio dos programas...

O Barata, esquecia-me dizer, é adepto do futebol e tinha já ficado irritadíssimo quando não foi transmitido o Benfica contra o campeão holandês. E a sua raiva surda até então, culminou com o pedido que me fez:

— E para eu não apanhar mais irritações, posso pra lá adoeecer, agradeço que me faças um favor.

— Sou todo ouvidos.

— Mandas-me para o jornal onde escreves, um anúncio em ponto grande para a venda de um aparelho de televisão, com UHF, antigos programas, reclamações e a respectiva taxa. Não te esqueças... (E assim se foi levantando e afastou-se com uma pancada amigável nas costas...)

Fiquei algo pensativo. O Barata tinha corridas de razão, por aquilo que eu tinha já ouvido, tanto em relação ao Festival da segunda-feira passada, como em relação a 99 por cento dos programas de todo o ano. Fiquei ainda a pensar se havia de pôr o anúncio ou não... Mas não. Ele arrepende-se com certeza... Com monopólio de televisão, taxa que muitos afirmam indevida e todas as implicações negativas, inerentes à posse de um aparelho transmissor de baracos, digo, festivais, o Barata, como todos, entrará no bom caminho e habituar-se-á a ver, mesmo daquilo que não gosta. Depois, sempre haverá um ou dois joguinhos de futebol por ano e ele sentir-se-á compensado...

LUIS M. HORTA

TINTAS «EXCELSIOR»

com a SAPEC



na defesa
dos

POMARES

Ácaros e insectos causam prejuízos irreparáveis em todos os pomares do nosso País:

- ★ Enfraquecem a vegetação
- ★ Depreciam a fruta
- ★ Baixam a produção

Defenda os pomares com pesticidas de qualidade

COTNION
e
KILVAL

destroem os principais insectos e ácaros inimigos das fruteiras

consulte a SAPEC

LISBOA

Rua Vitor Cordon, 19
Telef. 366426

Depositários em FARO

JOÃO INÁCIO
Horta das Figuras
Telef. 2 40 00

ALBÓS - Tractores Algarve, Lda.
Rua dos Bombeiros Portugueses, 40

Depósitos e Revendedores no Continente, Ilhas e Ultramar

A Vossa hernia DEIXARÁ DE VOS PREOCUPAR!...

MYOPLASTIC KLÉBER é um método moderno incomparável. Sem mola e sem pelota, este verdadeiro músculo de socorro, reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar

«Como se fosse com as mãos»

Bem estar e vigor, são obtidos com o seu uso. Podereis retomar a vossa habitual actividade. Milhares de herniados usam MYOPLASTIC em 10 países da Europa (da Finlândia a Portugal). As aplicações são feitas pelas Agências do

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

Podereis efectuar um ensaio, completamente gratuito em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — Farmácia Silva — DIA 4 de Março — só de tarde

OLHAO — Farmácia Olhanense — DIA 3 de Março.

TAVIRA — Farmácia Eduardo Félix Franco — DIA 4 de Março — só de manhã.

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos aqueles que se lhes dirijam para adquirir cintas.

Netos

José Guerreiro Neto & Filho, L. da

LOULÉ — Rua Padre António Vieira — Telef. 283

FARO — Rua Pé da Cruz — Telef. 24585

empreiteiros recomendados pela

Shell Portuguesa S. A. R. L.

na aplicação de

FLINTKOTE

→ IMPERMEABILIZAÇÕES

→ PAVIMENTOS

FLINTKOTE

SHELL

Na hora de prestar contas

(Conclusão da 1.ª página)

47 066\$90; electrificação do conceito, 2 063 004\$10; e remodelação da rede eléctrica do concelho, 571 240\$90.

De entre as realizações camarárias de 1968, põe o relatório em relevo a adjudicação da empreitada para construção de 96 casas para famílias pobres, pelo valor de 3 771 800\$00, obra que foi iniciada no mês de Junho e na qual já se despenderam 1 621 957\$00 e o início dos trabalhos destinados a transformar a esplanada situada entre o Hotel Vasco da Gama e o Casino de Monte Gordo, dotando-a de parques de estacionamento e zonas ajardinadas.

OBRAS REALIZADAS

A Câmara promoveu apreciável número de obras e reparações, de que passamos a resumir as sem comparticipação do Estado: no Tribunal Judicial, 24 247\$60; na rede de esgotos de Vila Real de Santo António, 29 986\$00; na rede de Monte Gordo, 55 113\$30; construção de jazigos no cemitério, 33 441\$10; beneficiação do matadouro, 21 177\$30; melhoramentos nos mercados, 3 390\$30; obras nos Paços do Concelho, 31 472\$10; nas casas dos bairros dos pobres, 14 698\$50; em edifícios municipais, 9 532\$10; nas ruas da vila, 109 883\$80; nas ruas de Monte Gordo, 68 965\$20; em estradas e caminhos na vila, 44 992\$90; em beneficiações no Parque de Campismo, 267 747\$90;

no embelezamento de jardins, parques e ruas, 99 901\$40; na Praça de Touros, 58 656\$10; no bairro para pobres, 1 621 957\$00.

Os melhoramentos comparticipados pelo Estado foram os seguintes: abastecimento de água a Vila Real de Santo António, 68 511\$00; conclusão da Rua de Angola e alargamento no perfil estudado, 170 950\$00; construção do caminho municipal de acesso à cadeia comarcã, 94 500\$00; construção de arruamentos em Monte Gordo—Ruas A, ligação, Rua B; Rua Pero Vaz de Caminha; Rua Gonçalo Velho, continuação; Rua Pero de Alenquer e Travessa Bartolomeu Dias, 132.050\$00; idem da Rua Diniz Fernandes e Travessa Bartolomeu Dias, continuação, 8 000\$00; idem do caminho municipal 1 244 (das Laranjeiras à Torre dos Frades) em Cacela, 214 944\$90; idem do caminho municipal 1 236 (da Nora a Santa Rita) em Cacela, 112 857\$70; construção do caminho municipal (de Manta Rota ao caminho municipal 1 248) em Cacela, 15 000\$00; revestimento betuminoso do caminho municipal 1 242 (do Buraco à Igreja), em Cacela, 25 036\$00; revestimento betuminoso do caminho municipal 1 248 (das Cevadeiras) à Manta Rota, em Cacela, 156 312\$00; beneficiação de fontes públicas no concelho, 47 347\$60; construção de um mercado em Cacela, 41 679\$80; construção das Ruas 13 e 14 e prolongamento da Av. Infante D. Henrique, em Monte Gordo (5.ª fase), 16 252\$00.

Assinala ainda o documento que o Parque de Campismo teve 2 512 inscritos nacionais, com 76 713 dormidas e 2 195 estrangeiros, com 26 471 dormidas.

O imposto «ad-valorem» cobrado sobre o peixe vendido em 1968 na lota de Vila Real de Santo António rendeu 1 245 254\$50, contra 1 529 753\$50 em 1967.

Monte Gordo

Vende-se um prédio na Rua Pedro Álvares Cabral. Área do terreno cerca de 400 m², possível aumento de andares e construção no terreno das trazeiras do prédio. Preço 450 contos.

Resposta a este jornal ao n.º 11 423.

Compra-se

Propriedade entre Vila Real de Santo António e Tavira, valor aproximadamente de 400 contos.

Resposta a este jornal ao n.º 11 419.

Vendedor

Firma de Lisboa especializada em materiais para a construção, precisa, residente em Faro, para trabalhar toda a província.

Lugar de futuro para quem deseja trabalhar c/ seriedade.

Resposta a este jornal ao n.º 11 428.

Notícias de LOULÉ QUARTEIRA. presente!

ENQUANTO em Loulé se festejava o Carnaval, com o esplendor e entusiasmo costumados, cujo produto bruto atingiu 360 contos, rondava a tragédia na praia de Quarteira.

O mar, com rajadas de vento ciclónico, ameaçava, com ondas alterosas, invadir a parte baixa da povoação. A catástrofe, os pobres dos pescadores retiraram para as ruas perpendiculares e para os passeios do lado norte tudo o que representava embarcações ou aprestos de pesca. Presentia-se a tragédia e as caras dos marítimos denunciavam o pavor pela vaga que era cada vez mais violenta.

Na noite de segunda-feira ninguém dormia na zona da praia. Uns, com receio de invasão das casas, outros pensando na necessidade de acudir a quem precisasse dos seus esforços. De Loulé acorriam a presenciar o medonho espectáculo curtos que na barraca do Bar Atlântico estiveram até perto da uma hora.

A praia-mar estava anunciada para as 3 da madrugada e havia apenas uma possibilidade de se escapar ao desastre no parecer dos entendidos, que era o vento rondar para sul. Mas teimosamente ele manteve-se a sudeste e este eram os seus propósitos, e mais perigosos. E a confirmar os tristes presságios, o mar galgou a terra, lançando as primeiras rabanadas por sobre as casas que margem a praia do lado poente. E começou a sua sanha demolidora, atacando edifícios armazéns, restos de antigas edificações já derrubadas e depois consolidadas com fortes pedregulhos embebidos em cimento, nada respeitando na sua ansia devoradora. Era como se um cataclismo se abatesse sobre aquelas velhas paredes, durante a chegada das pedras enormes, de mistura com enxurradas de lama, areia e cascas, projectavam-se sobre o existente, invadindo as ruas circunvizinhas, desgastando toda a resistência que encontravam, foz de areia ou de paredes.

Os tectos dos armazéns mais avançados caíam com fragor ante a impotência dos alicerces já minados e as pancadas bravas da vaga repercutiam-se mais longe, mais assustadoras, mais devastadoras. O edifício do mercado era atingido, também, durante a chegada da furia que protegia os seus pilares. Parecia que por ali tinha passado um maremoto da maior escala.

Transidos de medo e de frio os marítimos acudiam aqui para ajudar um, ali para retirar um móvel numa ansia de roubar ao mar tudo o que este queria levar para o seu seio impenetrável. Preciosos ajudas que era dada, sem compensação sem olhar a esforços hercúleos para tudo retirar, sem mais von-

tade que ajudar a minorar a miséria dos atingidos do orvalho.

Pelas 15 horas do dia de Carnaval e na noite desse dia, o mar veio por mais duas vezes completar a sua sanha sinistra. Levou o pouco do resto que deixara, espalhando mais destroços.

Duas versões de uma tragédia que pede urgentes medidas de prevenção

mais edifícios derrubados, mais gente pobre.

Problema velho, este, do avanço do mar que dura há mais de um século, sem que se lhe tenha anteposto uma estrutura de confiança traduzida num muro quebra-mar ou num espigão que defende os bens ali investidos. Todos os anos o mar, em Quarteira, come uns metros de praia, aproximando-se das construções da Avenida Infante de Sagres, onde hoje, além de vários edifí-

vivos da tarde e as do dia seguinte, transformaram esta Quarteira em destroços. Os prejuízos logo galgaram de centenas, a milhares de contos. Mas pior que tudo isto, foi a certeza, bem visível, quanto ao futuro de toda a beira-mar quarteirense, desde a mata, até ao limite da praia, que, no caso de não serem tomadas providências, será de um momento para o outro propriedade do mar.

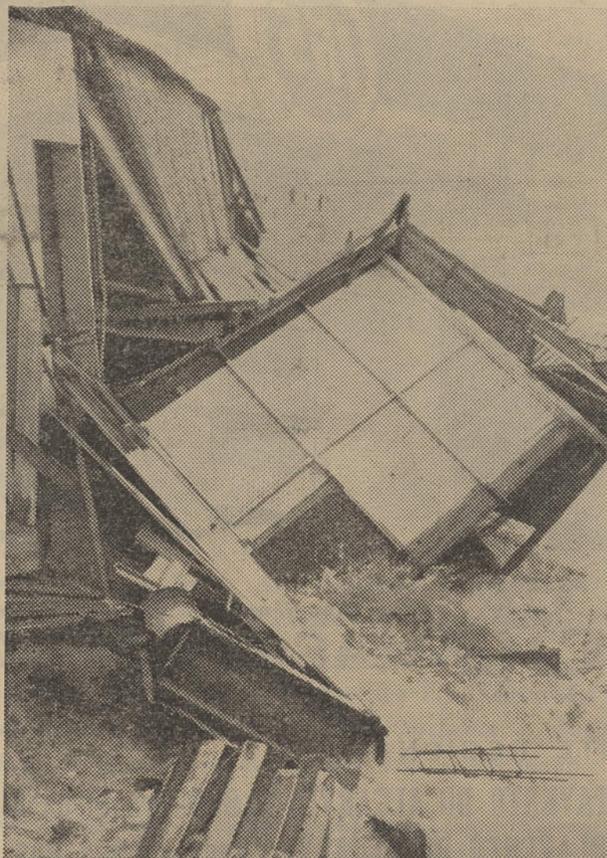
As previsões são realmente de temer,

prédios, noutras ocasiões de destroço, em que as reconstruções são executadas às escondidas, deixando transparecer o rútilo de favor. Se num prédio danificado a reparação for feita segundo os desejos do proprietário, esta terá de redundar num muro capaz de resistir à fúria do mar, ficando protegido não só esse prédio, mas igualmente o que lhe ficam na retaguarda; isto é o que nos parece e a não ser assim, porque a lei não o admite, não se lhe toca, para que as coisas não fiquem remendadas.

Digno de exemplo é o abnegado espírito de coragem do sr. Carlos Felizardo Viegas, que vendo o seu prédio, frente à Pensão Miramar, em perigo, não se conforma com a fúria destruidora do mar, nem admitiu que as próximas marés, como se supunha, fossem mais lentas, tratando de proteger o que lhe pertencia, para o que reuniu um grupo de homens, que à luz de projectores, debaixo de chuva, no meio da tempestade, conseguiu manter inviolável a sua parcela, evitando que hoje tivéssemos mais um montão de pedregulhos para contemplar, deixando mais um trecho de caminho aberto às ondas destruidoras.

Das duas barracas que existiam na praia, pouco mais resta do que a saudade, agora acompanhada de dívidas no seu restauração. É voz corrente e de há anos, que uma vez prontas as instalações da Junta de Turismo que se projectam, as barracas seriam forçadas a desaparecer por tirarem a graça à praia. Entretanto, os anos têm passado, as barracas têm cumulado, fazendo gala do melhor local e única atracção e amparo ao turismo quarteirense, sem que as projectadas obras tenham passado do projecto à realidade. No caso de não serem autorizadas, ou admitindo que os seus proprietários não estejam na disposição ou em condições de gastar umas centenas de contos no restauro, o que mais temos na nossa praia para albergar os sequeiros turistas, sempre desejosos da proximidade de um bar? Se isto se pode considerar uma pergunta com toda a lógica admitimos que será ao mesmo tempo um sério problema na próxima época para o turismo quarteirense. Estamos, no entanto, animados de muitas esperanças, pois os destroços desta tragédia têm sido observados minuciosamente pelo sr. governador civil e por muitas individualidades de quem o assunto depende, o que nos traz uma réstia de luz para o futuro.

M. FARIA



O último temporal deixou devastadores vestígios em Quarteira

tos de certo vulto, se construíram dois grandes hotéis.

Se nada se cria em oposição à fúria do mar, só resta restar-lhe pela alma pois a vida será curta e total a ruína. Não é impune que a 3 quilómetros de Quarteira para o lado nascente existe uma povoação submersa, a que chamam Loulé-Velho.

Ela ali está, a ajeitar e talvez a profetizar a sorte de Quarteira, se os homens de agora não souberem ou não puderem salvá-la.

R. P.

porque o mar não se compadece dos humildes, não admite desleixos, nem burocracias!

Costuma-se dizer, que quem tem é que perde, mas nestes casos os prejuízos são também da Nação. Os estudos e planos desgastados pela morosidade, sempre alicerçados na bem compreendida frase de que uma protecção custa milhares de contos, não resolvem, servindo talvez de conformismo, aos que têm de enxugar as lágrimas da derrota.

Não falta vontade aos quarteirense, como aliás é timbre da raça lusa, em não ceder um só metro do nosso território, mas neste caso e nestas condições, temos cedo e continuarmos a ceder metros de inigualável valor. Nas últimas três décadas, o avanço do mar cifra-se em cerca de cem metros, e agora está em jogo uma das mais extensas e belas praias da Província e todo o «miolo» de Quarteira.

Dos prédios agora destruídos, nem todos serão de fácil reconstrução, pela grande despesa que exigem e dívidas que subsistem quanto ao futuro, e ainda porque temos dúvidas se essa reconstrução será autorizada; é certo que tais dúvidas não terão razão de existir, mas dizemo-lo em razão do que nos tem sido dado observar com os mesmos

Empregada de quartos

Precisa Residencial em Faro, interna, não importando a idade nem que acompanhe criança de poucos anos.

Resposta para M. C. — Rua D. Francisco Gomes, 18 e 20, telef. 22341 — FARO.

Loja-Armazém FARO

Bom local. Amplas instalações com 2 frentes, loja com montra e armazém com porta serv. viaturas — para qualquer actividade, cede-se. Resposta ao n.º 11 239 deste jornal.

Capital

Disponho 200 contos, para sociedade em qualquer ramo negócio já estabelecido ou a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 11 352.

HOJE É DIFERENTE!

HOOPER MODELO 78 TOTALMENTE AUTOMÁTICA 13 PROGRAMAS DE LAVAGEM

HOOPER MODELO 90 TOTALMENTE AUTOMÁTICA 15 PROGRAMAS DE LAVAGEM DISTINTOS 15 ANOS AVANÇADA EM RELAÇÃO AO TEMPO...

HOOPER MODELO 45 TOTALMENTE AUTOMÁTICA 9 PROGRAMAS DE LAVAGEM

MAQUINAS AUTOMATICAS DE LAVAR ROUPA

LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA - PORTO - FARO - COIMBRA

DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES NA SEDE E EM TODAS AS FILIAIS HOOPER

HOOPER 60 ANOS ANO JUBILEU

Graetz

TELEVISORES

NOVA LINHA PARA 1969

EQUIPADOS COM VHF / UHF

Peça uma demonstração EM

MARQUES & SILVA, LDA.

Largo do Mercado, 28 Tel. 22761 FARO

TINTAS «EXCELSIOR»

ETP 29

...e o SUCESSO continua!

MASSEY-FERGUSON Confiança no Futuro!

Pressure Control — Torna extensivas às alfaias rebocadas as possibilidades de transferência de peso do famoso Sistema FERGUSON. Permite um aumento de rendimento do tractor correspondente a um acréscimo de potência de cerca de 10 H.P.

Multi-Power — Com o simples accionamento de um interruptor, duplica a gama de velocidades e permite um aumento de velocidade em marcha na ordem de 30 %.

Possibilita o ajuste, em andamento, da velocidade e da potência

às diferentes condições do terreno.

Assistência — Alarga divulgação dos tractores MASSEY-FERGUSON tornou possível em todo o mundo o maior e mais eficiente serviço de assistência.

Valor de Retoma — O tractor MASSEY-FERGUSON mantém sempre elevado valor ao longo dos anos, o que torna altamente rentável a sua aquisição.



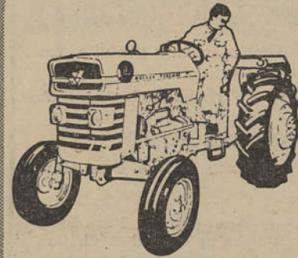
Uma experiência de muitos anos ao serviço da lavoura

MASSEY-FERGUSON

AGENTE REGIONAL:

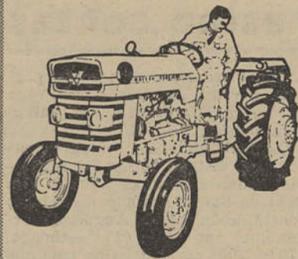
SOTAVENTO DO ALGARVE: ALBÓS-Tractores Algarve, Lda. — FARO

BARLAVENTO DO ALGARVE: Andrés Lluis Bós, Herdeiro — SILVES



MF 130
30 HP

VERSÕES:
Especial
Vinhateiro



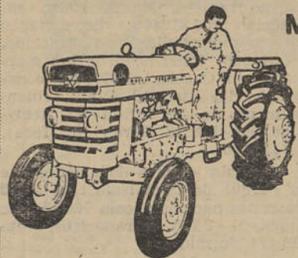
MF 135
45,5 HP

VERSÕES:
Normal
Especial
Vinhateiro

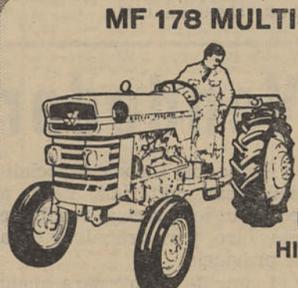


MF 165 HC
60 HP

MF 165 S
60 HP



MF 175 S
67 HP



MF 178 MULTI-POWER
72,5 HP

DIRECÇÃO
HIDRÁULICA

Maurice Got falou na Aliança Francesa de Faro

Mais uma personalidade francesa de evidente valia intelectual se deslocou ao Algarve para falar na Aliança Francesa de Faro: Maurice Got, pedagogo conhecido (encarregado de pesquisas no C. N. R. S. e mestre de conferências na Escola do Magistério Superior de Paris) e autor de vasta obra literária, de que destacamos «Théâtre et Symbolisme», «Assomption de l'Espèce», «André Guidé: une expérience spirituelle», etc.

Foi apresentado pelo sr. dr. Joaquim Magalhães, reitor do Liceu de Faro e presidente da delegação local da Aliança Francesa.

Em linguagem acessível e num estilo fluente, o conferencista produziu magnífica lição sobre «Le théâtre de Molière» et la recherche du sentiment pur.

No final, calorosa ovação foi tributada ao crítico francês.

Rapaz

24 anos, serviço militar cumprido, freq.º 4.º ano Comercial, deseja emprego compatível preferência escritório.

Resposta para: Rua Santa Ana, 26 — OLHÃO.

Vende-se Empregado oferece-se

Barco c/ motor para a pesca costeira e condução de pescarias, com as seguintes características: — Comprimento, 12,05 m, Pontal, 1,42 m; Boca, 4,06 m; Tonelagem, Bruta, 12,63 ton.; Líquida, 5,02 ton.

Motor Diesel, marca Bauduin de 75 HP 3 cilindros a 4 tempos e de 1250 r. p. m.

Resposta ao apartado n.º 50 ou telefone 121 em Vila Real de Santo António.

Para escritório, c/ 26 anos e serv. militar cumprido; equival. 1.º Ciclo Liceal e freq. 4.º ano Curso Geral de Comércio; raz. conhecim. Francês, Inglês e Contabil.; 4 anos prática serv. escritório forense e igual tempo de dactilograf.ª (tec. nacional). Dá referências. Resp. a E. J. S. S., Rua do Castelo, 15 — Silves.

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO

A casa que mais sortido tem em fios para tricot e crochet, Nacionais e Estrangeiros. Venda directa ao público ao preço da Fábrica.

Escocesa lisa e mesclada, desde 140\$00 e Robilon a 200\$00, e ainda Algodão, Perlapon, Ráfias, Rubia, etc.

Damos uma caderneta de Bónus, válida em todas as compras.

A. NETO RAPOSO

Praça dos Restauradores, 13-1.º Dt.º (Junto à Est. do Metropolitano).

Ensino no Algarve Subintendentes de Pecuária

LICEAL

Foram nomeados directores das instalações de Desenho e Trabalhos Manuais, de Ciências Naturais e Física, do Liceu de Faro, respectivamente os sr.ªs dr.ªs Maria Eduarda Cid-Rey-Luna Crispim de Sousa, Amarilis Fernandes Godinho e Mariana Teles Antunes Pais Dias Fernandes.

Para directores das instalações de Química, Ciências Naturais, Biblioteca, Desenho e Trabalhos Manuais, Física e Geografia, do Liceu de Portimão, foram nomeados, respectivamente os sr.ªs dr.ªs Mário Augusto Dias e António Manuel Simões Coutinho, João de Deus Mendes, Martim Afonso Pacheco Gracias e as sr.ªs dr.ªs Aura Lajinha Ramos da Silva Guerreiro e D. Liseta Jacinto da Silva Dias Duarte.

TECNICO

Por conveniência urgente de serviço, foram nomeados professores provisórios, na Escola Industrial e Comercial de Faro, do 1.º, 4.º e 5.º grupos, respectivamente o sr. dr. José Francisco Estevinha e as sr.ªs D. Anabela Bastos Tibúrcio Martins e D. Generosa da Cruz Viegas de Mendonça Simões Delfino; do 6.º grupo, os contabilistas, sr.ª D. Maria Pereira Bernardino e sr. Manuel Francisco Uva Jacinto; do 8.º grupo, as sr.ªs D. Isilda Maria Renda Periquito Pires Martins e D. Maria Manuela Soares Ferreira de Melo Andrade; e do 9.º e 11.º grupos, as sr.ªs D. Maria Ilda Brandão, Cuba Leitão Palma Rodrigues e dr.ª Ivone Balbino Cabanita.

PRIMARIO

Foi autorizado o funcionamento das escolas feminina e mista de Mexilhoeira (Lagoa).

— A seu pedido foi exonerada a professora agregada sr.ª D. Maria de Lurdes Medeiros Martins Madeira.

— Para regentes do curso de educação de adultos no Centro de Instrução de Condução Auto n.º 5, de Lagos, foram nomeados os 2.ºs sargentos sr.ªs João Simão Dias e João Correia da Silva.

— Foi concedida isenção de propinas aos alunos da Escola do Magistério Primário de Faro, do 1.º ano: Desidéria Maria Guerreiro do Nascimento, Maria Antónia Cavaco Gago Ascensão, Maria Basílio Gonçalves Gago, Maria Capitulina da Costa Vieira, Maria de Jesus Silva Correia e Maria Lucinda de Carvalho Patacas e do 2.º ano: Inácia Maria da Silva José, Maria Germana Pereira Barreto e Maria Solange Rodrigues de Matos.

Também foram concedidas bolsas de

Para subintendentes de Pecuária foram providos nos concelhos de Faro e S. Brás de Alportel (1.ª e 3.ª ordem), com sede em Faro, o sr. dr. Zeferino Alves de Oliveira e Silva; em Castro Marim e Vila Real de Santo António (3.ª e 2.ª ordem), com sede em Vila Real de Santo António, o sr. dr. José Diogo; em Lagoa (2.ª ordem), o sr. Manuel Arroube Correia; em Lagos e Vila do Bispo (2.ª e 3.ª ordem), com sede em Lagos, o sr. José Cabrita; em Loulé (1.ª ordem), o sr. dr. Aires de Lemos Tavares; em Monchique (3.ª ordem), o sr. António Pires Ventura; em Olhão (1.ª ordem), o sr. Manuel Neves Ramos; em Portimão (1.ª ordem), o sr. José Costa Guerreiro de Matos; em Silves (2.ª ordem), o sr. João António de Sousa Amorim; e em Tavira (2.ª ordem), o sr. Ofélio Máximo de Oliveira Bomba.

estudos aos seguintes alunos da mesma Escola: 1.º ano: Maria do Carmo Nobre Rodrigues, Maria Otília Bárbara Domingos, Mariana Martins Rodrigues e Marieta Inácia Correia Rodrigues, 2.º ano: Maria Margarida Baptista Delgado.

ANDARES

Vendem-se em Faro, desde 135 contos, no melhor local da cidade, já alugados. Rendimento de 6%. Facilita-se pagamento de 30% a liquidar em 20 anos. Trata Telefone 24566 — FARO.

J. ANDARES

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

AMADORA
Frente à Estação
do C. F. e
REBOLEIRA

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
Especialmente Amadora, Venda Nova
e Paço d'Arcos

Apartmentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

PIMENTA S.A.R.L.

A inserção do turismo na vida social do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

ordinam o homem na sua vida regular e na monotonia da pátria são moldes que tudo diminuem: o pensamento, a filosofia, a religião, o carácter; e, para aquele que viu a natureza e a sociedade sob diversos aspectos, tudo parece mais certo, tudo é mais verdadeiro... Baseava-se o escritor nos exemplos da antiguidade, quando os homens viajavam não somente em busca dos pensamentos filosóficos, mas «para tudo verem e julgarem».

Necessariamente esse desideratum exige a aproximação humana, complementar da visão da paisagem e do encontro com a história na visita aos monumentos ou às suas ruínas.

O turismo ideal será, sem dúvida, aquele que nos permita adquirir novas noções sobre o homem, ver com clareza o que nos separa do próximo, compreender as diferenças ou semelhanças.

Este postulado ajuda-nos a deduzir que o turista necessita de mais alguma coisa do que o seco acolhimento dos servidores da estrutura económica que o transporta, aloja e alimenta e dos informadores mercenários que o conduzem nas suas andanças.

O turista deseja também sentir uma hospitalidade que facilmente o insira na vida local, para que possa, dessa maneira, contactar com os outros homens, conhecer as suas ideias, compreender o seu comportamento, perscrutar os seus objectivos comunitários e as normas sociais que os orientam, e observar as suas manifestações culturais.

Se aceitarmos esta disposição do turista como natural e comum teremos, logicamente, de imaginar os meios de proporcionar essa desejada hospitalidade, na qual todos

os habitantes podem e devem colaborar. Necessariamente que, tal como em outras manifestações da vida colectiva, pertence a um escol a programação e a orientação das actividades dos diversos colaboradores. Por outras palavras se dirá que é indispensável a organização da participação de todos os elementos que constituem essa «élite» e a concatenação das suas contribuições para a obra comum.

Sem pretendermos estabelecer quaisquer comparações, lembremos que em outros países, como por exemplo a França, a Espanha, a Holanda e a Bélgica, existem organismos não oficiais — embora patrocinados pelas autarquias locais ou pelo Estado — que se ocupam de fomentar o turismo sem todavia pretenderem imiscuir-se nas actividades económicas peculiares.

Entre nós, conhecem-se associações, designadas algumas vezes por Grupos de Amigos das respectivas localidades, as quais, na maioria dos casos começaram existindo com o objectivo de servirem o desenvolvimento cultural e, até, fixarem as tradições folclóricas das regiões correspondentes, mas que habitualmente passam a uma apagaada actividade intermitente, consequência, por vezes, de desentendimentos e de políticas de campanha.

Ora, tais instituições ou outras que visem objectivos idênticos deveriam tomar sobre si o encargo da organização das manifestações de hospitalidade. Parece desnecessário alargarmo-nos sobre a forma legal de actuação de tais associações e também acerca das grandes possibilidades de colaboração com as entidades oficiais. Os homens esclarecidos que metem ombros a esses empreendimentos, sa-

bem como agir.

O que importa é evidenciar a contribuição dessas instituições para a elevação do nível cultural e social das respectivas localidades, mediante a qual é possível organizar as manifestações colectivas que dignificam e dão sentido sério à vida social.

Baseadas numa actuação deste tipo, seria da competência dessas instituições a cuidada investigação dos valores histórico, económico e social da região; a preparação da útil e necessária informação a difundir entre todos os habitantes, para que a estes seja possível falar da sua terra com exacto conhecimento, em vez de, como sucede amiúde, com base em boatos e comunicações deturpadas.

Igualmente as ditas associações procurariam utilizar as aptidões especiais dos seus componentes, para levar a cabo as manifestações da vida colectiva e promover o desenvolvimento cultural.

Fácilmente se pode admitir que uma população em que se projecte a acção que acabamos de sugerir estará à altura de proporcionar ao turista uma hospitalidade de tipo muito diferente da habitual. Essa hospitalidade ninguém mais a pode dar além dos habitantes da terra, e por ela os turistas ficam a conhecer-nos melhor e a recordar-se de nós de maneira mais simpática e prestigiante.

Pode suceder que, ao ler-se o que antecede, venham à lembrança alguns aspectos menos agradáveis das relações entre os habitantes e os turistas estrangeiros e, numa manifestação de nacionalismo mal compreendido, chegue a desejar-se afastar do nosso convívio visitantes que dificilmente podemos estimar. Porém, mesmo a esses devemos mostrar que, embora numa época afectada por tantas convulsões, em que os homens não se entendem, mantemos intactas as virtudes sociais dum povo que, pelos tempos fora, logrou estabelecer contactos com os outros povos e transmitir-lhes a sua cultura, as suas crenças e a sua maneira de amar o próximo, conforme mandam as leis de Deus.

Os contactos inteligentes e cordiais entre os habitantes e os turistas estrangeiros serão o melhor antídoto contra qualquer tendência de desnacionalização. Dizemos tendência e não perigo de desnacionalização, porquanto este não existirá, na medida em que sabemos afirmar as nossas próprias qualidades. Não devemos recear a «invasão» dos viajantes estrangeiros, tal como, por exemplo, Baden-Baden, a linda estância balnear da Alemanha, não a recebeu em boa parte do século passado, quando era considerada «a segunda capital da Europa» (Paris, no Inverno e Baden-Baden, no Verão...). Durante a «saíson», os homens de espírito da França — os «chabités» dos círculos literários, as grandes personagens das letras e das artes — transferiam-se para aquela cidade e aí, como não podia deixar de ser, continuavam a sua interacção social, que abrangia, naturalmente, a própria população local. Hoje, quem vá a Baden-Baden encontrará uma cidade tão alemã como qualquer outra; e se vestígios perduram daquela época brilhante, só os sente no encanto da hospitalidade com que é acolhido, tal como nos tempos em que os homens procuravam, nos locais aprazíveis, conviver e firmar amizades.

As ideias que acabamos de expor pouco têm de originais e não foi nosso propósito juntar mais um problema aos muitos que já existem, derivados do surto do turismo. Quisemos tão somente lembrar que depende principalmente de nós, os que não vivemos do turismo, inseri-lo na vida social da nossa terra, de modo a que os visitantes nos compreendam e estimem.

J. R. da Graça Mira

Cabras mortas num desmorroneamento em Odeceixe

OCECEIXE — Devido ao mau tempo, abateu um velho casarião, que servia de curral a um rebanho de cabras, pertencente ao sr. João Augusto Martins. Acudiram várias pessoas, que retiraram dos escombros oito cabras mortas e outras que se encontravam presas pelos destroços. — C.

Cecília Brito ALTA COSTURA

Rua Pedro Nunes, 40-1.º — FARO

Trespasse

Casa de frutas e hortaliças, óptimo local, serve para qualquer ramo.

Informa, Rua Nova de S. Luís, n.º 22 — FARO.



No passado dia 7 de Fevereiro, por ocasião da passagem do 1.º Aniversário do HOTEL DA BALAIA, a Direcção da referida unidade hoteleira e os seus mais próximos colaboradores, em presença do Ex.º Senhor Presidente da Câmara de Albufeira e dos clientes presentes cortaram um monumental bolo comemorativo.

HOTEL DO GOLFE DA PENINA

Precisam-se com carteira profissional e que saibam línguas (Francês e Inglês).

RECEPCIONISTAS
PORTEIROS
DEMI CHEFES

COMIS

É favor dirigirem-se ao Hotel do Golfe da Penina para entrevista.

QUEM BEBE VINHOS
ARRUDA
NÃO MUDA

Produzidos pela ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre a sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora **PROVAL**
DEPOSITOS — FARO telet. 23669 — TAVIRA telet. 264 — LAGOS telet. 287
PORTIMÃO telet. 148 — ALMANCIL telet. 34 — MESSINES telet. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
ESTABELECIAMENTOS TÊCIPLO FONTAINHAS NETO COMERCIO E INDUSTRIA S.A. R.L.
TELEGR. — TELE. TÍPO — TEL. S. E. P. — COXA PÓZOL 1 S. B. DE MESSINES — ALGARVE — PORTUGAL

Notável incremento nos serviços da TAP está previsto no Algarve para o ano em curso

(Conclusão da 1.ª página)

que o aeroporto de Lisboa se encontrava encerrado e a 213 aviões de diversas companhias.

«A Delegação da TAP no Algarve teve no ano findo duas promoções do maior interesse, ao levar

à Austrália e aos Estados Unidos hoteleiros algarvios e outras individualidades ligadas à nossa indústria turística que puderam beneficiar de um programa especial, ali contactando com cerca de 1100 agentes de viagens. Os resultados destas promoções estão já à vista, pois que em vários dos principais hotéis do Algarve há agora três vezes maior frequência de norte-americanos que a registada em fins de Fevereiro de 1968.

«Este ano, está prevista a vinda ao Algarve de 150 agentes de viagens estrangeiros, a juntar aos 543 que já nos visitaram. Serão eles da Inglaterra, Alemanha, Escandinávia, África do Sul, Rodésia, Brasil, Argentina e Holanda e aquilatar-se-á do interesse de que estas visitas se rodeiam, se nos dermos conta de que um agente não pode interessar-se a sério por determinada região sem a conhecer, para melhor aconselhar os seus clientes, quanto a hotéis, paisagem, clima, etc.

«Para 1969 estão calculados dez voos diários Faro-Lisboa e vice-versa, e doze voos nos meses de maior movimento, além de acréscimo no número de voos para Londres que passará a três por semana. Para a Alemanha, teremos 21 voos regulares por semana no pino do Verão».

Foram estes alguns dos esclarecimentos amavelmente prestados à Imprensa pelo delegado da TAP no Algarve, sr. Celestino Matos Domingues, no decurso de reunião efectuada na segunda-feira a que serviu de cenário o ambiente acolhedor do restaurante Al-Faghar, da capital do distrito. Presentes os representantes dos jornais algarvios, os correspondentes dos principais diários, da Rádio e da R. T. P. e o sr. Luciano Sero-menho, promotor de vendas da TAP.

Agradeceu ainda o sr. Celestino Domingues o carinho com que a Imprensa tem acompanhado as iniciativas da importante empresa, pondo em relevo os acontecimentos que para a vida dos Transportes Aéreos Portugueses tiveram maior transcendência em 1968.

Arrenda-se

Primeiro andar a estrear, com vista para o mar e serra, duas assoalhadas, casa de jantar, casa de banho, cozinha, hall e 2 terraços, a 2 1/2 Kls. do Casino e praia de Armação de Pêra. Magnífica estrada—Esc. 800\$00 mensais — telef. 8 — ALCANTARILHA.

Terreno ou Quinta

Compro (ou alugo), de preferência nos arredores ou proximidades de Faro, com água abundante e arvoredo.

Favor escrever para sr. Vítor, Rua dos Celeiros, 26 ou telefonar ao n.º 24968—FARO.

Milhos Híbridos

Maiores Produções
Maior Rendimento

Os MILHOS HÍBRIDOS FUNK'S-G seleccionados para as diferentes regiões do País e adubados com FOSKAZOTO garantem as mais altas produções.

Em terrenos infestados pelo alfinete, melolontas, ralos e outros insectos do solo, inimigos do milho, empregue **ADUBOS INSECTICIDAS**, de êxito já comprovado.

Beneficie do subsídio do Ministério da Economia produzindo milhos híbridos.

500\$00 por cada hectare de milho híbrido para grão

750\$00 por cada hectare de milho híbrido para forragem

Para qualquer esclarecimento consulte os

Serviços Agronómicos da SAPEC

LISBOA
Rua Vítor Cordon, 19
Telefone 366426



Depositário em FARO
JOÃO INÁCIO
Horta das Figuras-Faro
Telefone 24000

DEPÓSITOS E REVENDADORES NO CONTINENTE
ILHAS E ULTRAMAR

UM HOMEM DO MAR NÃO SE QUER EM TERRA...

McCANN



...nem mesmo para remendar as redes. Muito menos para as secar ao sol a fim de evitar que apodreçam. Um homem do mar, quando está em terra, pode agora aproveitar o seu tempo sem se preocupar com os cuidados a ter com as redes. As novas redes

TREVIRA oferecem-lhe as seguintes vantagens:

- longa duração
- resistência aos efeitos do sol
- óptima extensibilidade
- mínima absorção de água
- rompimento quase nulo
- alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas.



FÁBRICA DE REDES DE PESCA **MARINA** S.A.R.L.

ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

1.ª Divisão

Um trio no comando

Concluída a 20.ª jornada do Nacional da 1.ª Divisão, um trio ocupa o 1.º lugar: Vitória de Guimarães, Porto e Benfica, enquanto se aguarda a decisão do discutido jogo Sanjoanense — Benfica. A derrota dos norteños em Alvalade, por 2-1, veio permitir que a turma azul e branca fosse alcançada pelo Vitória de Guimarães que, em casa, venceu a Académica por 2-1, e pelo Benfica, que foi derrotar o Atlético, na Tapadinha por 2-0.

Vitórias certas do Leixões sobre o Braga e do C. U. F. sobre o União de Tomar ambos por 2-0. De assinalar a expressiva vitória dos setubalenses em São João da Madeira (4-1), e o empate que os Belenenses foram buscar à Póvoa do Varzim (1-1).

O campeonato, a seis jornadas da final, cria agora um novo interesse, com o seu trio de comandantes. O Vitória, tem tido carreira regularíssima com 15 jornadas sem perder. O Futebol Clube do Porto tem-se revelado equipa de classe e sério candidato ao título e o Benfica, sem a supremacia da época anterior, é ainda a turma com o saber, experiência e mérito, que todos conhecem.

Para amanhã, dois encontros suplantam os demais: Benfica-Sporting e Porto-Guimarães.

Ao prólio entre os velhos rivais, opõe-se o dos dois primeiros. O Sporting está moralizado pela vitória de domingo e o Benfica necessita de ganhar. Um jogo em que a simples citação «Benfica-Sporting» faz dispensar comentários.

Na capital do Norte, a partida reúne outro igual clima de interesse. Cessará a carreira vitoriosa dos vimaranenses, ou prosseguirão no comando?

Uma jornada aliciente, de verdadeiro campeonato.

2.ª Divisão

Quando é preciso ganhar...

Era fundamental para os orientistas a vitória no seu embate de domingo contra o Portimonense. O onze marvilense, ainda na zona de perigo, perdendo a partida sujeitava-se a sérias complicações. Assim se justificava o frenesi e vontade com que se lançaram na luta, dando tudo por tudo. A capacidade técnica dos algarvios sobrepôs-se a pujança física e estilo de jogo dos orientistas. Num terreno enlameado, pouco propício à «bonitos» havia de prealocar o futebol de pontapé em força e em ritmo continuado sobre a baliza adversária. Obtidos dois golos antes da meia hora inicial, os donos da casa viram os seus desígnios coroados de êxito.

A marca é pesada para o que os barlaventinos demonstraram saber, pois que revelaram a sua técnica e sentido de futebol evoluído.

Arbitrou o sr. Francisco Lobo, de Setúbal, e as equipas alinharam:

ORIENTAL — Edmundo; Ciborro, Cordero, Viriato e João António; Faustino e Inácio; Ferrão, Ribeiro, Gamboa e Teixeira (aos 80 m. Vitorino).

PORTIMONENSE — Semeado (aos 27 m. Daniel); Cabrita, Morujo, Celestino e Pacheco; Arquinlino e João Luís; Ramos, Pinho, Luz e Carlos Pereira.

Amanhã, joga-se em Portimão, um dos grandes encontros do campeonato: Portimonense-Torriense. A turma visitante, que ocupa o 2.º lugar vai ser adversário difícil mas confia-se numa boa partida dos algarvios.

3.ª Divisão

A sorte, inimigo maior dos vila-realenses

Normais os resultados em que intervieram equipas algarvias, excepto o que aconteceu em Vila Real de Santo António. O Lusitano, que se esperava vençesse e assim se estabilizasse na tabela classificativa, evitando futuras situações difíceis, perdeu dois pontos que merecia pela forma como se moveu.

Os dois primeiros averbaram boas vitórias, e por sinal sem consentirem golos. Na capital algarvia, o Farense ganhou por 5-0 ao Faro e Benfica, e em Olhão, o Olhanense venceu o Aljustrelense, por 3-0. Consolidaram-se assim as posições dos dois rivais e candidatos mais cotados à promoção.

Amanhã, ambos saem e em prólios para que se vislumbram sérias dificuldades. O guia vai a Aljustrel, enquanto a turma olhanense se desloca a Sines. Conseguirão tornar estes obstáculos? Acreditamos que sim, mas...

O Lusitano e o Faro e Benfica, não irão, por certo, a perder o ensejo de arrecadar vitórias necessárias para a permanência na prova.

Comentário de JOAO LEAL

LUSITANO — V. DA GAMA

Jogo no Campo Francisco Gomes Socorro, sob a arbitragem do sr. Hélder Silveira, de Évora. As equipas alinharam: Lusitano: Ernesto; Floro, Carlota, Nogueira e David; João Sebastião e Silva (Toledo); Brito, José Vicente, Aniceto (Aguileira) e Piloto. Vasco da Gama: Rodrigues Pereira; Luciano, Miranda, Saul e Beichior; Zeca e Günter (Fernando); Sarmando, Tonceas, Quim e Pinheiro.

Golos de Tonceas aos 14 minutos, Brito aos 25, Aniceto aos 35, de grande penalidade, Fernando aos 58 e Zeca aos 67.

O Lusitano teve uma primeira parte magnífica, em que desperdiçou pelo menos dois golos, mas acabou na segunda o esforço despendido, reduzindo um pouco o ímpeto ofensivo que vinha mantendo, embora persistisse em manter quase toda a defesa no meio campo adversário. Desta tática aproveitou o Vasco da Gama, que em dois rápidos contra-ataques conseguiu na segunda parte os dois tentos que haviam de dar-lhe a vitória. — P.

FARENSE — F. E BENFICA

Jogo no Estádio Municipal de Faro, sob a arbitragem do sr. Adélio Antunes (Lisboa). As equipas alinharam: Farense — Calotas; José António, Torres (Borges), Manhita e Lampreira; Marcelo e Nunes (Santa Rita); Pedro, Nelson, Ludovico e Testas.

Faro e Benfica — Hélder; Fernando, Sabino, André (Gonçalves) e João Manuel; Chaby e José Manuel; Vidal, Tó Zé, Laboia e Telxela.

Vitória merecida dos guias, valorizada pela aplicação dos seus antagonistas. Os golos foram marcados por Nelson Faria (2), Testas (2) e Fernando, na própria baliza.

OLHANENSE — ALJUSTREL

Estádio Padinha, Árbitro, Encarnação Saigado (Setúbal).

Olhanense — Rodrigues; Alexandrino, Reina, Poeira I e Zezé (Fernando); Madeira e Pelézinho; Matias, António Luis (Lima), Peixoto e Poeira II.

Aljustrelense — Granito; Luís Miguel, Graího, Ramires e Costa (Alvaro), Galope e Geada; Paulino, Parra (Gon-

calves), José Manuel e Larginho. O melhor futebol e a robustez física dos rubro-negros estão evidenciados no resultado. No entanto, os dianteiros olhanenses continuam a mostrar pouca eficácia no remate. — D.

Classificações

1.ª DIVISÃO NACIONAL

1.ª. Guimarães, Porto e Benfica, 29 pontos; 4.ª. V. de Setúbal, 26; 5.ª. Cuf, 24; 6.ª. Académica, 22; 7.ª. Sporting, 21; 8.ª. Belenenses, 20; 9.ª. Leixões, 17; 10.ª. União de Tomar, 16; 11.ª. Sporting de Braga e Varzim, 14; 13.ª. Sanjoanense, 9; 14.ª. Atlético, 8 pontos.

2.ª DIVISÃO NACIONAL

1.ª. Barreirense, 32 pontos; 2.ª. Torriense, 29; 3.ª. Portimonense, 25; 4.ª. Peniche, 24; 5.ª. Montijo, 23; 6.ª. Os Leões, 21; 7.ª. Lusitano de Évora, Seixal e Sesimbra, 18; 10.ª. Sintrense, 16; 11.ª. Luso, 15; 12.ª. Alhorda e Oriental, 14; 14.ª. Almada, 13 pontos.

3.ª DIVISÃO NACIONAL

1.ª. Farense 28 pontos; 2.ª. Olhanense, 25; 3.ª. Juventude, 23; 4.ª. Vasco da Gama, 20; 5.ª. Grandolense, 19; 6.ª. União Sport e Lusitano, 15; 8.ª. Faro e Benfica e Desportivo de Beja, 14; 10.ª. Aljustrelense, 13; 11.ª. Cova da Piedade, 12; 12.ª. Sarilhense, 5 pontos.

1.ª DIVISÃO DISTRICTAL

1.ª. Silves, 19 pontos; 2.ª. Moncarapachense, 17; 3.ª. Unidos e Louletano, 15; 5.ª. Desportivo de S. Brás, 14; 6.ª. Esperança, 10; 7.ª. Tavirense, 4; 8.ª. Imortal, 0 pontos.

DISTRICTAL DE JUVENIS

1.ª. Esperança, 8 pontos; 2.ª. Lusitano e Olhanense, 5; 4.ª. Silves, 2 pontos.

O Esperança, campeão do Algarve em Juvenis

Termina amanhã a 2.ª fase do distrital de juvenis e já foi encontrado o campeão do Algarve, nesta categoria. Trata-se do Esperança, que revelou ao longo das duas fases, possuir magnifico conjunto e alguns elementos com evidente intuição para a prática do desporto-rei.

Cumpra-nos felicitar o clube iacobrigense pela merecida vitória, que vem premiar o seu incessante labor e continua presença em todas as provas associativas, desde há muitos anos.

1.ª Divisão Distrital

O guia perdeu em Lagos

Faltam duas jornadas para terminar o distrital da 1.ª Divisão e o interesse mantém-se, alicerçado pelo desaire do Silves frente à turma iacobrigense. Os silvesenses mantêm ainda o 1.º lugar, para que são o candidato com mais seguras possibilidades, mas a diferença encurtou em relação ao Moncarapachense, seu mais directo adversário.

O Esperança averbou uma vitória de mérito e assinalamos o expressivo triunfo do Moncarapachense em Albufeira (6-0) e a evidente dificuldade que o Desportivo de S. Brás conheceu em Tavira (2-1).

Resultado que vem definir a regularidade da turma louletana foi o empate (1-1) que impôs ao Unidos S. Bra-

Amãhã dois encontros se sobrepõem em interesse aos restantes: Silves-Unidos e Desportivo de S. Brás-Moncarapachense, cujos desfechos, se favorecerem aos donos da casa, como se vaticina, indicarão o vencedor da prova.

RESULTADO DOS JOGOS

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Oriental, 4 — Portimonense, 0

3.ª DIVISÃO NACIONAL

Farense, 5 — Faro e Benfica, 0
Olhanense, 3 — Aljustrelense, 0
Lusitano, 2 — Vasco da Gama, 3

1.ª DIVISÃO DISTRICTAL

Esperança, 4 — Silves, 2
Unidos, 1 — Louletano, 1
Imortal, 0 — Moncarapachense, 6
Tavirense, 1 — Desp. de S. Brás, 2

DISTRICTAL DE JUVENIS

Silves, 1 — Lusitano, 0
Esperança, 2 — Olhanense, 0

JOGOS PARA AMANHÃ

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Portimonense-Torriense

3.ª DIVISÃO NACIONAL

F. e Benfica-Desp. de Beja
Farense-Aljustrelense
Lusitano-União Sport
Vasco da Gama-Olhanense

JUNIORES

Desp. de Beja-Lusitano
Olhanense-Aljustrelense

DISTRICTAL DA 1.ª DIVISÃO

Tavirense-Esperança
Silves-Unidos
Louletano-Imortal
Desp. de S. Brás-Moncarapachense

DISTRICTAL DE JUVENIS

Olhanense-Lusitano
Silves-Esperança

Estalagem Caique

VENDE-SE

Informa telef. 72987 -- Olhão

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

SANATÓRIO CARLOS VASCONCELOS PORTO

S. Brás de Alportel

Neste estabelecimento está aberta inscrição para admissão de empregados de ambos os sexos, com as seguintes remunerações:

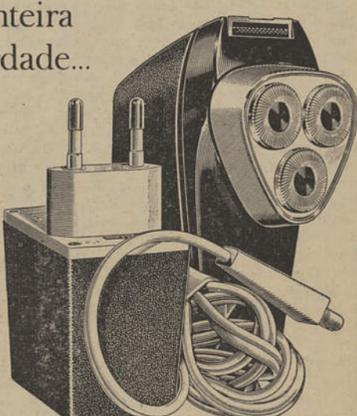
	Vencimento	Subsídio eventual	Total
Homens	800\$00	200\$00	1.000\$00
Mulheres	480\$00	120\$00	600\$00

Este pessoal tem alimentação e alojamento. Na Secretaria prestam-se todos os esclarecimentos. S. Brás de Alportel, 24 de Fevereiro de 1969.

O Director,

a) DR. GABRIEL P. MEDEIROS GALVÃO

Duas semanas de inteira liberdade...



...com a NOVA PHILISHAVE UNIVERSAL — a mais completa máquina de barbear construída até hoje. Ela trabalha com energia acumulada. Quer isto dizer que não necessita de pilhas nem de ligação à corrente. É RECARREGÁVEL. Carrega-se numa noite e está pronta a barbeá-lo suavemente durante DUAS SEMANAS. A Philishave Universal é mais um «Triunfo da Técnica» PHILIPS.

Esc. 990400



Quatro modelos à sua escolha, caracterizados pela famosa «ACÇÃO ROTATIVA», que distingue a PHILISHAVE de qualquer outra máquina de barbear. Em todos eles encontrará a SUAVIDADE, a RAPIDEZ e a PERFEIÇÃO que a sua barba exige e o homem moderno não dispensa.

PHILISHAVE

a máquina de barbear do homem moderno

CONSULTE OS AGENTES

- FARO LOULÉ { JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS
- OLHÃO { ARCANJO & VEIGA, LDA. PALMA, RIBEIRO & CALÉ, LDA.
- TAVIRA - CUNHA & DIAS, LDA.

Sociedade de Padarias Progresso de Cacela, Lda.

Certifico narrativamente e para efeitos de publicação que por escritura lavrada em 28 do mês findo, de fls. 45 a 49, do Livro B-39 de «Escrituras Diversas», deste cartório, foi dissolvida, liquidada e partilhada, por todos os sócios, e para todos os efeitos de direito, a sociedade por quotas de responsabilidade limitada, Sociedade de Padarias Progresso de Cacela, Limitada, e que teve a sua sede e domicílio em Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António.

Está conforme o original, nada havendo na parte não certificada do mesmo, em contrário ou além do que aqui se narra e transcreve.

Cartório Notarial de Tavira, 5 de Fevereiro de 1969.

A Ajudante,
Maria Elete Teófilo Lopes Dias Nobre

Uma pequena ave viajou de Moscovo ao Algarve

O sr. António da Rosa Pereira, residente no sítio do Poceinho, Vila Nova de Cacela, apanhou no seu quintal uma pequenina ave portadora de anilha com inscrição 5415513 MOSEKWA.

ROGAMBOLE

A HERANÇA MISTERIOSA

(Continuação)

«Cinco minutos depois ouvi um grito em tudo semelhante a um gemido de agonia; seguiu-se um silêncio profundo; pouco depois vi aparecer Andréa, com a cabeça descoberta, o olhar desviado, o fato em desordem e o coleto branco manchado de sangue. O miserável tinha na mão um punhal e na outra a carteira do barão, que acabava de assassinar com a arma que nunca o deixava, desde que estava na Itália. Foi a minha vez de soltar um grito, um grito de horror e de suprema repugnância. Fugi pelo jardim, sem que ele pensasse em deter-me. Na minha carreira louca, tropecei no cadáver do barão, e este contacto deu-me mais força ainda para continuar o meu caminho. Como sai daquela casa? como atravessai a cidade, então deserta e fui cair desfalecida sobre os degraus da igreja onde me haveis encontrado? Não sei dizer-vos».

— Ah! murmurou o escultor, compreendo o vosso desespero, pobre anjo adorado... Compreendo agora a razão por que quereis fugir desse homem.

— Ainda não sabeis tudo, prosseguiu Marta. Esse homem descobriu-nos em Florença, e fez-me chegar às mãos o seguinte bilhete: «Volta imediatamente para a minha companhia, quando não o teu novo amante pode considerar-se um homem morto!»

— Compreendéis agora a razão por que vos obriguei a deixar Florença? Esse homem era capaz de assassinar-vos... Oh! é preciso sair de Roma, pois já nos descobriu novamente.

E Marta lançou-se nos braços do artista, enlaçando-o com ternura. — Fugamos — exclamou ela com inflexão do terror; — fugamos, meu querido, fugamos do assassino!

— Não, disse Armando com vivacidade, não fugiremos, meu anjo. Se esse homem ousasse penetrar aqui, matá-lo-ia!

Marta tremia como o débil arbusto agitado pelo vento. Armando consultou o relógio.

— Vou ao meu atelier, disse ele; dentro de uma hora estarei de volta e passarei a noite aqui, deitado junto à porta do vosso quarto. Vou buscar as minhas armas! Desgraçado dele se ousar transpor o limiar daquela porta!

E o escultor saiu, correndo na direcção do Tibre. A poucos passos o artista encontrou Fornarina, a criada velha que colocara junto de Marta, para cuidar dela e vigiá-la.

— A senhora espera-te — disse ele. — Fecha a porta com duas voltas da chave e não a abras seja a quem for.

— Sim, meu senhor — respondeu a velha, fazendo uma dessas mesururas exageradas tão peculiares nos filhos de Itália.

Mas apenas chegou à casinha de Transtevere, Fornarina soltou um assobio misterioso, e em vez de fechar prudentemente a porta de entrada, deixou-a entreaberta. Era noite fechada e a rua estava deserta. Ao assobio da velha, destacou-se uma sombra do lado oposto do Tibre. Depois, essa sombra aproximou-se cautelosamente da casa e empurrando a porta chamou baixinho:

— Fornarina.
— Aqui estou — respondeu a italiana — é vossa senhoria?
— Eu mesmo.
— O senhor saiu, mas deve voltar.
— Bem, temos tempo, a litela está perto — murmurou o desconhecido em voz baixa. E entregou uma bolsa a Fornarina, dizendo:

— Toma e retira-te.
— Guarde Deus a vossa senhoria — resmungou a velha, tomando o peso do ouro, prêmio da sua traição.

E enquanto ela saía da casa, o desconhecido subiu a escada e bateu três pancadas na porta dos aposentos de Marta. Esta estremeceu e sentiu gelar-se-lhe o sangue; não podia ser Armando porque era longe do

Transtevere ao seu atelier. E como hesitasse em responder, a porta abriu-se e deu entrada a um homem. Marta soltou um grito e recuou, como se visse surgir diante de si o demónio.

— Sou eu — disse o homem, tirando o capote que o cobria.
— Andréa... — balbuciou ela com voz desfalecida.
— Andréa, sim, admiras-te?

Marta recuava sempre sem responder.
— Minha querida — disse friamente o visconde Andréa; — fugiste de mim, por uma tolice, por ridículos escrúpulos! Devias, porém pensar que eu não consentiria nisso impunemente.

— Senhor!
— Julgaste que o visconde Andréa era homem que deixasse roubar a amante, por um artista, um escultor, sem nome nem fortuna?

E o visconde acompanhou estas palavras com um sorriso zombeteiro. Marta caiu sobre o divã, fulminada pela cominação e pelo terror. O visconde Andréa Filipone era um mancebo de vinte cinco anos, pouco mais ou menos, de extraordinária beleza, estatura mediana, aparência débil, músculos de ferro, agilidade e vigor pouco vulgares. Louro como uma inglesa, tinha os olhos pretos, e o olhar penetrante e sarcástico. As feições, perfeitamente regulares, seriam sedutoras, sem a expressão de amarga ironia que lhe contraía os lábios.

A duquesa de L... referia-se-lhe assim em Paris: «Este homem tem a beleza do anjo caído».

Marta olhava-o com o espanto do escravo fugido, que vai de novo sofrer o jugo do seu senhor. Não o amava já, desprezava-o, mas Andréa exercia ainda sobre ela um poder e uma fascinação extraordinários.

— Vamos, meu anjo — disse ele, com hipócrita doçura — bem sabes que ainda te amo.

E avançando para ela, pegou-lhe na mão. Marta soltou um grito, exclamando:

— Não, não saio daqui.
— É isso exactamente que eu não quero — respondeu tranquilamente Andréa; — há-de acompanhar-me.

Um sorriso diabólico contraía os lábios do visconde. (Continua)

Mais 400 contos distribuídos aos balcões da **CASA DA SORTE** Extracção da semana finda **49 338 - 2.º PRÉMIO** Mais um bilhete com a marca e a sorte da **CASA DA SORTE**

BRISAS do GUADIANA

E o aeródromo vila-realense?

A PROPOSITO da próxima entrada em funcionamento do serviço de táxis aéreos, distribuiu uma empresa de relações públicas de Lisboa, com data de 19 de Fevereiro, um comunicado de que nos permitimos transcrever os seguintes pontos:

Com o objectivo de estabelecer o meio mais rápido de ligação entre a capital e as zonas mais importantes do País que dispõem de campos de aviação, será em breve inaugurado um serviço de táxis aéreos que assegurará tanto o transporte de passageiros como de carga. Desta forma ficam encurtadas as distâncias para todos os que, com urgência, desejam deslocar-se entre aquelas regiões. Aproxima-se a data em que a aspiração de inúmeras pessoas de várias condições sociais, principalmente homens de negócios, se converterá numa realidade. A inauguração das linhas aéreas de ligação terá lugar em data que oportunamente será comunicada, mas chamamos desde já a atenção dos jornais para a importância desse acontecimento que se reveste de excepcional interesse para as regiões que passa a servir.

Não duvidamos do interesse excepcional da iniciativa para as zonas abrangidas, mas perguntamo-nos: o que haverá sobre o aeródromo de Vila Real de Santo António, destinado a servir a vila, Monte Gordo e a preciosa área do Sotavento?

Embora os táxis percam bastante com a inexistência do aeródromo vila-realense (para o qual vemos de há muitos anos atribuída a verba de 200 contos nos relatórios e planos de actividade municipais), parece-nos que muito mais vão perder a zona não beneficiada, e o próprio Algarve, que só fica servido de táxis de Faro para cima, mantendo-se uma falha que não deixará de reflectir-se com aspectos negativos na vida da Província.

Francamente, gostaríamos de saber o que está na origem do atraso da construção do aeródromo, de há tanto tempo prevista, e se a mesma irá tardar muito mais tempo ainda.

UMA «VOLTA» MAL DEFINIDA

Quando há dias vimos nos jornais que estava prestes a começar a XX Volta a Portugal em Automóvel, debruçámo-nos com curiosidade sobre o percurso da prova e acabámos por verificar, com certo desgosto, que não se tratava de uma volta a Portugal, propriamente dita, a menos que o calendário tenha algumas surpresas para desvendar depois.

Com efeito, dá lá que uma etapa começa em Lisboa e finda em Castelo

(os-Montes), outra no Estoril e a última também no Estoril. O mistério está na última etapa, que começa onde acaba, no Estoril e tem a duração de 5 horas. Bem se sabe que em 5 horas, de automóvel, corre-se muito, mas por onde? Ao fim e ao cabo, ou a «Volta» não vem ao Algarve, ou não se quis incluir esta Província na descrição do percurso, pelo que de qualquer das formas a prova nos parece ficar coxa.

UM TÍTULO DESPORTIVO PARA A ESCOLA TÉCNICA DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO

No parque desportivo da Escola Técnica de Silves disputou-se na manhã de domingo a final do campeonato distrital de andebol de sete, na categoria de juvenis, em que participaram as equipas representativas das Escolas Industriais e Comerciais de Vila Real de Santo António e de Portimão. A vitória pertenceu pela apreciável diferença de 8-1, aos vila-realenses que deste modo arrecadaram com inteiro mérito o honroso título de campeões distritais.

Os nossos parabéns à Escola e aos seus atletas. — S. P.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

Claro que não se arranjaram ali os 60 mil contos, nem era essa a intenção do convite, mas certamente alguma coisa útil resultou de tal reunião. Ao menos, o que já é muito e bastante válido, o esclarecimento público da posição de um problema de interesse colectivo, e o reforço da confiança dos municípios bejenses nas possibilidades de um diálogo construtivo com a sua Câmara.

Se seria válido, aqui em Portimão, um procedimento idêntico? Pois com certeza! ...

No caso presente, em condições semelhantes, talvez não construísemos a avenida em tempo de se evitar que ocorra um novo isolamento da praia do Vau, tampouco de se limpar a mancha que este estado de coisas já lançou, indelevelmente, sobre o turismo local, mas ao menos ficávamos sabendo quem são os bons portimoienses (serão mesmo?) e a acção em empurrando a concretização duma obra da máxima oportunidade. E urgência. Fica a sugestão.

Vai ser comemorado o 75.º aniversário do Museu Arqueológico de Faro

Às 21,30 de terça-feira será comemorado o 75.º aniversário do Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, de Faro, que reúne valiosa e variada colecção.

A sessão decorre no Convento de Nossa Senhora da Assunção, no Largo D. Afonso III, cujas obras de restauro se encontram em fase adiantada. Para ali serão transferidos, em excelentes condições os Museus Municipais e colecções de arte. Durante o acto pronunciará uma palestra o sr. prof. José António Pinheiro e Rosa, conhecido investigador e publicista, e actual director dos referidos museus.

Serão descerrados os retratos de três personalidades ligadas à vida do Museu Infante D. Henrique: do comendador Ferreira Neto, senhor Pereira Botto e dr. Justino Bivar. Espera-se a presença de numeroso público a este acto de transcendente significado para a vida cultural algarvia.

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por CANDÉIAS NUNES

DE NOVO A AVENIDA ROCHA-VAU

Há mais ou menos um mês, na crónica que intitulámos «Uma demora im-portuna», prevíamos que, mais cedo ou mais tarde, a praia do Vau ficaria isolada da Rocha, graças ao miserável estado em que se encontra o caminho que liga as duas praias. Pois bem: a semana passada aconteceu... Aconteceu que a previsão saiu certa como um «treze solitário no toboia da semana! Por dois ou três dias, é verdade, que logo a Câmara se apressou em remendar a avaria. Mas nesses dias, quem de automóvel quisesse ir da Rocha ao Vau, teria que o fazer por Portimão, estrada de Alvor e avenida nova da Rocha, até voltar ao caminho, at umas dezenas de metros à frente do rombo que o pobre sofreu, larja fatia de argila frouca que as últimas chuvas fizeram abater na falésia. E, finalmente, a localização do desastre facilitou a reparação e obrigava apenas a um desvio de cerca de cinco quilómetros. Pois que se fosse mais à frente, depois de passado o entroncamento da avenida com o caminho, ali em local onde também se espera derrocada imminente, então a volta teria que ser mesmo por Alvor, o que quer dizer que por umas escassas centenas de metros de caminho intransitável, haveria que fazer um desvio de mais de vinte quilómetros, ida e volta! Bom, não é? ...

Entretanto, e ao que consta, o projecto de execução da avenida Rocha-Vau, pelo qual nos batemos há que tempos, dorme na gaveta à espera que se resolva o problema das necessárias expropriações de terrenos. Julgamos inúteis os comentários, na medida em que, ainda aqui, flagrantemente, se verifica como os interesses particulares se sobrepõem ao interesse público. E a moral da história, se alguma tiver, quem quiser que a tire!

Apresentamos, antes do encio de chamar a atenção da Câmara de Portimão para um actualíssimo exemplo que lhe vem de perto, exactamente de Beja. E o caso é, o mês passado, o presidente do Município da capital do Baixo Alentejo, dr. Fernando Nunes Ribeiro, ter convidado a população bejena a um debate público sobre problema do máximo interesse para a cidade — o saneamento da «baixa», cujas obras exigem um investimento superior a 60 mil contos. Pois, conforme se respira da imprensa alentejana, não foi em vão a chamada; perto de 200 pessoas reuniram-se no salão nobre da Câmara, representando os mais diversos sectores da opinião pública bejena que, sobre o problema em discussão, estabeleceram animado diálogo com o promotor da reunião.

Claro que não se arranjaram ali os 60 mil contos, nem era essa a intenção do convite, mas certamente alguma coisa útil resultou de tal reunião. Ao menos, o que já é muito e bastante válido, o esclarecimento público da posição de um problema de interesse colectivo, e o reforço da confiança dos municípios bejenses nas possibilidades de um diálogo construtivo com a sua Câmara.

Se seria válido, aqui em Portimão, um procedimento idêntico? Pois com certeza! ...

No caso presente, em condições semelhantes, talvez não construísemos a avenida em tempo de se evitar que ocorra um novo isolamento da praia do Vau, tampouco de se limpar a mancha que este estado de coisas já lançou, indelevelmente, sobre o turismo local, mas ao menos ficávamos sabendo quem são os bons portimoienses (serão mesmo?) e a acção em empurrando a concretização duma obra da máxima oportunidade. E urgência. Fica a sugestão.

FRIERAS... QUE FLAGELO!!!

Só as tem quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas. A VENDA NAS FARMACIAS

AGRADECIMENTO

AMADEU SABINO

A viúva, filhos e demais família de Amadeu Sabino, falecido na sua residência em Algoz, no passado dia 13 de Fevereiro de 1969, agradecem por este meio, por desconhecimento de algumas moradas, a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar e o acompanharam à sua última morada.

A todos a sua profunda gratidão.

Motorizada

Marca H. M. V., com 11 000 quilómetros, vende-se em conta. Informa-se nesta Redacção.

Às Empresas do Grupo A em Lisboa e Arredores

Os técnicos de contas, António dos Santos Domingos e Orlando da Encarnação Sequeira Rita, inscritos na D. G. C. I., aceitam assistência Técnica e Fiscal. Deslocações periódicas a combinar. Consulte-nos que prontamente estudaremos o v. problema. ESCRITÓRIO:— Rua Dr. Cândido Guerreiro, 46, r/c, Esq. Telefone 22385 — FARO



Os acidentes de viação sobem segundo as estatísticas de todos os países. As prevenções devem aumentar nesta época do ano, em que as estradas normalmente estão molhadas e as derrapagens são vulgares. Atenção, portanto, ao volante porque o perigo espreita.

NOTAS à margem da semana

■ **MARINHEIRO**, aviador, estudioso constante de vários problemas, Gago Coutinho apreciava, sem dúvida, acima de tudo, a sua actividade no campo, no mar, em prol da geografia, da geodesia, da cartografia. Ocorre agora o primeiro centenário do nascimento do notável investigador, cuja norma principal de vida foi a simplicidade — essa simplicidade que ele não quis abandonar até na morte. E daí a lapídica que ordenou se pusesse sobre a sua campa, onde se podem ler estas únicas palavras: «Carlos Viegas Gago Coutinho, Geógrafo».

■ **É UM INTELLECTUAL** de estirpe, esse Jorge de Sena que, depois de permanecer entre nós durante algumas breves semanas, regressou à sua cátedra na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos da América. Ensaista de grande mérito, a ele se devem alguns trabalhos de investigação que honram a literatura portuguesa dos nossos dias. «Eu continuo aqui» — disse à partida o escritor português, que afirmou ainda não ter recebido qualquer convite para leccionar numa Universidade portuguesa.

■ **UMA REUNIAO** do partido alemão neo-nazi «NPD», que decorreu na última semana na cidade de Schwabach, na Baviera, veio chamar a atenção do Mundo para o perigo, que permanece, de se reactivarem as loucas ideias de que o tenebroso Adolf Hitler foi, há ainda tão poucos anos, o mais fiel intérprete e executor, com a sua megalomana pretensão de dominar o planeta, convencido da superioridade da sua raça.

■ **UM LIVRO** muito belo, de um poeta que permanece igual a si mesmo: «Micropaisagem», de Carlos de Oliveira, o celebrado autor de «Casa na Duna» e «Uma abelha na chuva», acaba de surgir agora, através das «Edições D. Quixote». Aconselhamos a sua leitura a quem deseja manter-se actualizado com as novas tendências de uma poesia que não esquece os valores eternos.

■ **SERIA INJUSTIÇA** não se assinalar aqui a meritória actividade que o jovem jornalista Carlos Albino vem desenvolvendo na Imprensa algarvia (especialmente no nosso jornal e no «Correio do Sul») em prol da defesa dos interesses culturais da Província. Num estilo nem sempre fácil e, por vezes, pouco amadurecido, Carlos Albino consegue todavia despertar a atenção dos que ainda sentem na vida a necessidade de lutar por qualquer coisa que não sejam os seus exclusivos interesses individuais. Por isso o saudamos. — T.

Janela do Mundo

(Conclusão da 1.ª página)

tos de traidores, ora Israel atacando com bombas aeroportos árabes, ora ainda os palestinianos manifestando-se em atentados espectaculares contra aviões das carreiras da «El Al».

Há poucos dias, em Zurique, repetiu-se o ataque terrorista de Atenas. Outro aparelho comercial de Israel foi atacado por um comando revolucionário a tiro de metralhadora. Houve vários feridos e os terroristas acabaram por ser apanhados confessando o seu delito. Entre eles, uma mulher, uma jovem professora de 25 anos, que declara a sua intenção de lutar até à morte pela libertação dos territórios ocupados da Palestina.

Após o atentado de Zurique, todos se interrogam sobre onde e quando vão surgir as represálias de Israel porque, nesta guerra de terrorismo, é hábito já, após um atentado, esperar a resposta da parte contrária. Aliás, o movimento de libertação da Palestina resolveu, recentemente, abrir agências em várias capitais europeias, o que põe desde já os israelitas de sobreaviso contra novos atentados do género dos de Atenas e Zurique.

Este lamentável estado de coisas não pode eternizar-se — uma conclusão a que chegaram, desde há muito, as grandes potências e até os árabes e os israelitas. Mas quem encontrará uma solução? Eis um dos objectivos da viagem do Presidente Nixon à Europa. O Médio-Oriente era, para o presidente americano, motivo de magna urgência e fez parte das suas conversações com os vários dirigentes europeus.

No entanto, mesmo que o Ocidente encontre uma solução, quem convencerá árabes e israelitas a segui-la e a acatá-la? Este é, efectivamente, o grave problema que se debate no Médio-Oriente: não haver ponto de encontro entre as partes em conflito para conversações.

MATEUS BOAVENTURA

Campanha em marcha para o progresso de Paderne

PADERNE — Publiquei no n.º 603 do *Jornal do Algarve* um artigo onde prestava justa homenagem ao presidente da Junta de Paderne e alertava os naturais da freguesia para uma campanha de progresso para a sua terra. Vovidos cinco meses volto ao assunto, não para alertar mas para transmitir a vontade daqueles que tiveram conhecimento da campanha e se me têm dirigido, uns por cartas e outros pessoalmente, para que se não deixe morrer apenas em letra de jornal a iniciativa.

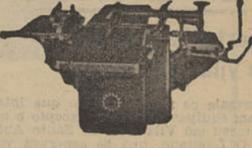
Posso afirmar que núcleos de paderenses em Lisboa, Barreiro, Baixa da Banheira, Alhos Vedros, Pinhal Novo, Beja e Faro, só estão à espera que se dê início aos trabalhos. Dizem que dentro das suas possibilidades contribuiriam para a concretização de um grupo, e até um distinto pintor de Paderne teve a amabilidade de me remeter o desenho do possível escudo ou emblema que os componentes passariam a usar.

Pensa-se numa reunião para, se possível, dela sair a comissão que há-de dirigir o grupo, e nomear as comissões dos núcleos acima citados, convidar para a comissão de honra as individualidades de destaque da nossa terra e se possível contactar com os proprietários do antigo jornal de Paderne «A Aveznha», marcando-se o dia mais indicado para os paderenses que queiram e possam estar presentes no início da grande jornada a emprender no renascimento da aldeia.

Paderenses, unamo-nos, pois, em prol do progresso de Paderne.

FRANCISCO T. NEVES

MÁQUINAS PINHEIRO



A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

FILIAIS

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 10 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

Escotismo em Faro

Na Sé Catedral de Faro realizou-se no domingo a cerimónia da promessa de novos elementos do Corpo Nacional de Escutas. Presidiu o sr. D. Júlio Rebinbas, bispo do Algarve e assistiram escoteiros dos restantes agrupamentos do C. N. E. na Província.

Na noite de sábado efectuara-se a cerimónia da velada de armas, também na Sé Catedral.



BOMBER

SERVÍCIO DE SOCORROS PERMANENTE

PRONTO PARA O SERVIR A PRIMEIRA CHAMADA

...E TAMBÉM

Residencial CMAR

ARMAÇÃO DE PÉRA

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

DISTRIBUIDOR PARA TODO O ALGARVE

EXCELSIOR DO ALGARVE

AV. 5 DE OUTUBRO 82 OLHÃO

